

O Pan-Africanismo Apontamentos & Reflexões

Dedicado à UCPA (União dos Coletivos Pan-Africanistas), pelo trabalho e dedicação na difusão da filosofia pan-africana e na luta incansável e inegociável pelo Renascimento Africano.

Dedicado à juventude pan-africana e, em especial, para a irmã Stefany Amazona, que propôs e assumiu a responsabilidade por esta empreitada.

A todos aqueles que participaram desta experiência de formação.

Introdução

Não estamos descobrindo nada e nem fazendo algo que nunca tenha sido feito, é importante que se diga isso em nível de reconhecimento histórico e moral para com os nossos mais velhos, estamos apenas dando continuidade a uma luta secular pela sobrevivência das pessoas pretas, com dignidade e um estado de bem-estar social, com conforto e condições para que esta gente possa desenvolver todos os seus potenciais humanos, nas mais variadas áreas da vida, além, é óbvio, da perpetuação da espécie africana; pois, como defendeu a UNIA¹ e Marcus Mosiah Garvey,² somos africanos na África e no estrangeiro (leia-se diáspora).

Dito isso, torna-se necessário frisar que este trabalho foi pensado para ser a síntese dos quatro encontros do Curso de Formação Pan-Africanista, organizado pela Escola Pan-Africana Marcus Mosiah Garvey, instituição vinculada a União dos Coletivos Pan-Africanistas. Desta forma, apresentaremos, de forma breve e sucinta, algumas das ideias apresentadas e debatidas durante o curso, com objetivo duplo de sistematizar os conteúdos para os participantes, para facilitar a ideia de síntese, ao passo que possa possibilitar uma aproximação aos irmãos que eventualmente não conseguiram comparecer em nenhum dos quatro encontros.

O Curso de Formação Pan-Africanista surgiu da reunião de organização interna da UCPA (União dos Coletivos Pan-Africanistas) e foi proposto pela irmã Stefany Amazona; segundo esta nossa irmã, seria

1. Associação Universal para a Melhoria do Negro (UNIA) foi uma organização política fundada por Marcus Garvey que tinha como objetivo o fomento do orgulho racial, a autossuficiência econômica e a formação de uma nação preta independente na África. Embora Garvey tenha fundado a UNIA na Jamaica, em 1914, a sua principal influência foi sentida nos principais bairros pretos urbanos do norte dos EUA, após sua chegada ao Harlem, em Nova York, em 1916. A UNIA possuía jornais, fábricas de bonecas, restaurantes, uma empresa de transporte marítimos de mercadorias e pessoas (Black Star Line), um braço armado, um corpo médico, sedes em mais de quarenta países e mais de 2 milhões de filiados.

2. Marcus Mosiah Garvey (Jamaica, 1887-1940) foi um ativista pan-africano e nacionalista preto, comunicador, intelectual, empresário e organizador das massas pretas. Fundou a UNIA com o objetivo de organizar e libertar os pretos de todas as partes do mundo, um dos principais órgãos da UNIA era o jornal *Negro World* que vinculava as ideias de Garvey e os propósitos da UNIA. As ideias de Garvey e da UNIA, via *Negro World*, revolucionam o mundo preto, na África e na Diáspora Africana, por incutir uma outra mentalidade de orgulho e combatividade no preto e na preta.

interessante e muito propositivo para a juventude um curso mais sistematizado sobre a origem e desenvolvimento do movimento pan-africano, em aspectos de história, cultura, tendências, referências e lideranças. Na condição de mais velhos, a nossa função foi acolher a proposta e fazer o que estava ao nosso alcance para concretizá-la, e, na medida do possível, o coletivo foi bem-sucedido nesta missão; isso porque estamos inclinados a acreditar que muitas sementes foram plantadas e muitos bons frutos virão oriundos dos quatro encontros.

O referido curso foi pensado a partir de dez tópicos temáticos, para serem desenvolvidos em quatro etapas (dias), com duração de quatro horas para cada encontro:

Conteúdo Programático

Primeira Etapa (24/02/2018):

01. História e contexto de formação da UCPA (Al Eleazar Fun);
02. Objetivos do Curso de Formação Pan-Africanista;
03. O Pan-africanismo.

Segunda Etapa (10/03/2018):

04. O Pan-Africanismo Histórico e Acadêmico (“Oficial”);
05. O Pan-Africanismo dos Congressos;
06. O Pan-Africanismo Nacionalista Preto.

Terceira Etapa (24/03/2018):

07. O Pan-Africanismo “Socialista”;
08. O Pan-Africanismo “Afrocentrado”;
09. O Pan-Africanismo por Essência.

Quarta Etapa (07/03/2018):

10. O Pan-Africanismo que o Povo Preto precisa.

No tópico 01, da Primeira Etapa, tivemos a contribuição do irmão Al Eleazar Fun, o nosso mais velho, que contextualizou, tempo-espaço, a formação da UCPA, assim como o trabalho desenvolvido por esta organização política desde agosto de 2000, data oficial de sua fundação. Os outros tópicos foram desenvolvidos pelo mesmo que aqui escreve. Lembrando que as ideias e teses apresentadas não foram frutos de uma subjetividade ou individualidade, deslocada de uma lógica de povo, mas sim oriundas do acúmulo de consciência política, forjada na trajetória de luta do coletivo em questão e do seu envolvimento com elementos humanos, históricos e culturais do povo preto.

O último tópico foi pensado para ser um momento de debate mais aprofundado, em que foi sugerido que os irmãos e irmãs presentes produzissem algo para ler ou apresentar no dia; tais como um texto, um artigo, uma crônica, uma poesia, uma tese ou mesmo algumas propostas, todas partindo da síntese possibilitada pelas ideias discutidas no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. E como a sugestão partiu da organização do curso, pela fala deste que aqui escreve, esse material que tens em mãos surgiu também para atender esta demanda de registro e difusão sistematizada de propostas à serem aplicadas dentro de uma perspectiva de longo prazo rumo ao *Renascimento Africano*.³

3. O conceito de *Renascença Africana* ou *Renascimento Africano* foi proposto e elaborado por Cheikh Anta Diop em uma série de ensaios produzidos a partir de 1946 e, posteriormente, organizados em uma obra única com o título *"Towards the African Renaissance: Essays in Culture and Development, 1946-1960"*. Londres: Espólio Cheikh Anta Diop; Karnak House; 1996. O principal artigo que trata do tema é *"When can we speak of an African Renaissance?"*, (*Quando vamos falar do Renascimento Africano?*). O *Renascimento Africano* seria uma série de ações políticas, culturais, intelectuais, econômicas e militares que tinham como objetivo o fortalecimento das pessoas pretas e do continente africano, assim como a construção dos Estados Unidos da África, nas estruturas do pan-africanismo.

Apontamentos & Reflexões

"Pegue o que você faz de melhor e faça isso pelo seu povo".
John Henrik Clarke⁴

Entendemos o pan-africanismo por essência como sendo um tipo de comportamento fundamentado no sentimento de amor, responsabilidade, comprometimento, solidariedade, cooperação, cuidado e acima de tudo integridade e honestidade na busca por melhores condições de vida para as pessoas pretas, seja como indivíduos ou coletivo; além do reconhecimento, entendimento, apreensão e resgate de um *ethos* comum entre as pessoas pretas espalhadas por todas as partes do mundo (na África e na diáspora africana).

O pan-africanista por essência não reconhece fronteira alguma, seja ela física, geográfica, de gênero ou orientação sexual, de concepções religiosas, filosóficas, econômicas ou políticas, pois a única coisa que o pan-africanista por essência reconhece e se submete é a cor da pele das pessoas pretas e a honestidade em suas ações como elemento imprescindível e essencial à união e construção de uma nação forte e coesa (um Estado preto-africano). O pan-africanista por essência é um nacionalista preto, mesmo que inconscientemente.

Nesse sentido, o pan-africanista por essência reconhece no traidor de pele negra um inimigo que deve ser denunciado e combatido internamente, como fazem as famílias. O pan-africanista por essência jamais vai expor um irmão "traidor" para que a supremacia branca possa aplaudir ou fazer disso um elemento de nossa desorganização e desunião.

O pan-africanista por essência não respeita e não reconhece o branco racista como sendo alguém digno de atenção ou de ouvir explicação sobre as nossas questões, por isso esse ativista não perde tempo com esse perfil de gente; ele está muito ocupado tentando reerguer o seu próprio povo.

O pan-africanista por essência não se baseia em teorias ou rótulos, muito menos nomenclaturas, mas no amor e na busca de unificação das pessoas pretas visando o enfrentamento do racismo, visando a acusação e desmantelo da supremacia branca. Entendemos que o pan-africanismo por essência é a radicalização deste movimento-filosofia no tempo e no espaço;

4. John Henrik Clarke (EUA, 1915-1998) foi um historiador, intelectual, pan-africanista, nacionalista preto e professor universitário, autor de uma vasta produção historiográfica voltada ao *Renascimento Africano*.

isso porque o pan-africanista por essência desloca e recua no tempo o entendimento de que as experiências e atuações históricas das pessoas pretas, na busca de sua existência, união, sobrevivência e liberdade, antes do final do século XIX, isto é, antes da Conferência Pan-Africana de 1900,⁵ foram verdadeiras e legítimas expressões do pan-africanismo, para além do rótulo.

O pan-africanista por essência não faz nenhum tipo de conchavo ou aliança com nenhum membro ou instituição da supremacia branca e nem aceita ser subsidiado por tais elementos, porque a autodeterminação, autossuficiência, autonomia e protagonismo coletivo são elementos estruturantes deste modelo de enfrentamento e luta; neste sentido, mesmo ciente das dificuldades materiais e de recursos, o pan-africanista por essência jamais se vende, se corrompe, ele jamais rifa, barganha ou usa a causa do povo preto como elemento de autopromoção ou trampolim político.

A agenda política do pan-africanista por essência é fechada, não é vacilante; ela é coesa e programática: *Renascimento Africano* e construção de uma nação preta, um Estado, nas estruturas do pan-africanismo e do comunalismo africano (comunitarismo).

Outra característica do pan-africanista por essência é o diálogo com os irmãos pretos de outras tendências políticas e a sua paciência, ele não é ansioso; ele entende que o tempo histórico é diferente do tempo do ativista e, por esse motivo, entende que a agenda política, por ele defendida, está inserida dentro de uma lógica de longo prazo; o que ele faz é operar transformações na vida das pessoas pretas enquanto constrói estruturas de poder sólidas para que sejam usadas pelas futuras gerações no enfrentamento da supremacia branca e no *Renascimento Africano*.

A condição do homem e da mulher preta no Brasil é uma condição de guerra. Esta pseudo-nação foi e continua sendo estruturada a partir do ódio anti-preto e do intenso desejo de nos eliminar por completo do campo de visão de toda a gente que foi forjada pela ideologia do branqueamento. A

5. Em 1900, na cidade de Londres, o advogado e ativista preto, de Trindade, Henry Sylvester Williams organizou e presidiu a primeira Conferência Pan-Africana; que, dentre outras coisas, tinha como objetivo denunciar as arbitrariedades do colonialismo na África, nas Antilhas e Caribe, além de combater a violação dos direitos humanos e o racismo sofrido pelas pessoas pretas na diáspora africana. Foi nesta Conferência que Sylvester Williams usou pela primeira vez o conceito de pan-africanismo para descrever a movimentação política dos pretos.

visão é que pessoas com poderes historicamente acumulados, devido a cor de suas peles, tramam contra os pretos diariamente e sem cessar. O problema, para além das condições de guerra, é que os homens e mulheres de origem e características africanas não tomaram contato com essa realidade, ou melhor dizendo, eles vivem essa realidade hostil e violenta, mas encontram-se alienados da mesma e muitos compartilham das ideias, teses e práticas daqueles que tramam o seu próprio fim. Este fato os coloca em franca desvantagem diante dos seus algozes. O Ocidente é racializado e por isso a raça, e não apenas a condição de classe, estrutura todas as relações sociais, econômicas, políticas, religiosas e, principalmente, afetivas (sexuais), nos espaços influenciados pela colonização europeia ou pela globalização capitalista. Pensar o oposto disso é atentar contra a ancestralidade africana e, mais do que isso, contra a nossa própria permanência na terra.

O Pan-Africanismo é um movimento cultural, filosófico, social, político e espiritual que visa unificar o povo preto e, na contemporaneidade, combater a supremacia branca. Por que dizemos combater a supremacia branca na contemporaneidade? Porque o pan-africanismo, na concepção dos pan-africanistas por essência e de John Henrik Clarke, sempre acompanhou as pessoas pretas; por exemplo, quando na formação da primeira família, do primeiro clã, da primeira cidade, do primeiro Estado centralizado e na constituição das primeiras civilizações que se tem registro na história da humanidade (Egito, Núbia, Etiópia, Axum, Nok, Ghana, Songhay, etc); logo, ele é muito anterior ao aparecimento das primeiras pessoas brancas, há cerca de 12 mil anos, e mais ainda aos contatos e guerras promovidas pelas expansões marítimas, tráficos negreiros, escravização de africanos e dominação da África, após o final do século XV. Levando isso em consideração, seria um reducionismo muito grande e uma desonestidade intelectual dizer que o pan-africanismo surgiu apenas no final do século XIX, como sendo uma resposta ao racismo, ao colonialismo e ao imperialismo branco e europeu. Nossas questões, conceitos, termos e agenda não podem estar submetidas ou condicionadas ao desenvolvimento histórico de outro povo que não o nosso. Na epistemologia pan-africana, é um absurdo entender a dinâmica do continente africano e a história e cultura da África e dos africanos apenas como sendo um apêndice ou o desdobramento da história da Europa.

O pan-africanismo tem uma agenda política e epistemologias próprias. Uma das coisas mais caras ao pan-africanismo é o sentimento de centralidade da África e agência das pessoas pretas nos mais variados

processos históricos e de produção cultural; “*a raça primeiro*”, como defendeu Marcus Garvey. Neste sentido, faz necessário conhecer a agenda política do pan-africanismo, além de suas epistemologias e bases teóricas.

O pan-africanismo, por ter suas próprias bases teóricas e epistemológicas, tem como princípio o combate ao epistemicídio, ao eurocentrismo e a colonização mental, como pressuposto básico da implementação do *Renascimento Africano*. Nesse sentido, faz-se necessário conhecer as referências teóricas e práticas deixadas pelos pan-africanistas e nacionalistas pretos Paul Cuffe, Martin Delany, Africanus Horton, Alexander Crummell, Edward Wilmot Blyden, Booker Taliaferro Washington, Henry Sylvester Williams, William Edward Burghardt Du Bois, Dusé Mohamed Ali, Amy Jacques Garvey, Amy Ashwood Garvey, John Edward Bruce, Jean Price-Mars, George Padmore, C. L. R. James, Elijah Muhammad, Queen Mother Moore, Cheikh Anta Diop, Joseph Ki-Zerbo, Djibril Tamsir Niane, Teophile Obenga, Amadou Hampâté Bâ, Carter G. Woodson, George G. M. James, Carlos Moore, o citado John Henrik Clarke, Chancellor Williams, Marimba Ani, Ama Mazama, Molefi K. Asante, Kwame Krumah, Stokely Carmichael, Steve Biko, Malcolm X, Julius Nyerere, Marcus Garvey, Nah Dove, Aimé Cesaire, Frantz Fanon, Dra. Frances Cress Welsing, Abdias do Nascimento, José Correia Leite, Amílcar Cabral, Alioune Diop, Christine Diop, Assata Shakur, Nah Dove, Eric Williams, Walter Rodney, as obras da *Présence Africaine*, etc. A lista é longa, porém o seu conhecimento, a pesquisa e o aprofundamento na vida, obra e pensamento de cada um dos mencionados, é extremamente necessário se quisermos dar um salto qualitativo em nossos estudos e construções de teses robustas, sofisticadas interpretações, que possam criar uma mentalidade libertária nas futuras gerações de pessoas pretas. Um dos princípios do pan-africanismo é a perspectiva de longa duração, transformações inseridas nesta perspectiva são as metas deste movimento histórico, por isso temos que pensar hoje formas de luta e metas, dentro dos nossos próprios termos e necessidades, a serem aplicadas e alcançadas pelas pessoas pretas daqui há cinquenta, cem anos, duzentos anos.

A agenda política do pan-africanismo é a união das pessoas pretas para a construção de um Estado-nação forte, autossuficiente, autônomo e voltado ao desenvolvimento econômico dentro da perspectiva de endogenia, isto é, crescer com os elementos existentes dentro do próprio território e a partir dos próprios esforços e inteligências, de dentro para fora e repudiando as “ajudas”, as influências e as ingerências externas. Conclui-se que a terra está no centro da agenda deste movimento histórico e qualquer movimento ou organização que não tenha a terra como objetivo final de suas análises e lutas não podem se dizerem pan-africanistas.

O pan-africanismo defende que as pessoas pretas são africanas, isso independente de suas localidades de origem ou de deslocamento; assim, a diáspora africana, na lógica pan-africana, é uma extensão da África e vai ser beneficiada e também beneficiar, numa via de mão dupla, na construção dos Estados Unidos da África.

O pan-africanismo, seguindo as filosofias e opiniões do nacionalista preto Marcus Mosiah Garvey, defende a construção dos Estados Unidos da África, no continente africano, e de nações pretas independentes, na diáspora. O pan-africanismo por essência não tem preocupação em “combater” o racismo diretamente (logo vamos explicar quais são as motivações para esse entendimento aparentemente controverso), mas de fortalecer as pessoas pretas para que estas possam impor o medo aos racistas brancos e, assim, inibir as suas ações. O pan-africanismo entende que tudo é uma questão de poder. Os brancos, por questões históricas, possuem o poder branco. Os pretos, por questões históricas, perderam o poder preto. O pan-africanismo busca reconstruir o poder preto; e esta filosofia entende que todo poder provém da terra, das riquezas materiais provenientes ou possibilitadas pela terra; por isso, a terra ocupa um lugar de centralidade na agenda do pan-africanismo. Podemos encontrar este entendimento, o de que a terra é poder, nos pensamentos políticos de Marcus Garvey, Malcolm X, Frantz Fanon, Stokely Carmichael e Steve Biko (no nosso entendimento, estes pensadores compõem a base teórica, o núcleo duro, do nacionalismo preto e do pan-africanismo por essência).

O pan-africanismo defende que o inimigo não é apenas um modelo político e econômico, mas sim a supremacia branca (Ocidente ou Civilização Ocidental) e todos os seus aparatos e dispositivos. Por isso que o pan-africanismo não luta apenas pela supressão do modo de produção capitalista ou pela implantação do comunismo, leia-se também socialismo. O pan-africanismo busca autonomia das concepções políticas de direita e esquerda; historicamente, tanto direita quanto esquerda perseguiram, difamaram e atacaram os pan-africanistas, muitas vezes ambos os movimentos se uniram para concluir os seus intuitos racistas de destruição da autodeterminação dos pretos em luta ou cooptação das massas pretas para os seus projetos.

Pode soar estranho tal entendimento, já que o capitalismo é o atual regime em vigor no Ocidente e é ele, também, o responsável por parte do estado de barbárie que assola as pessoas pretas na África e na diáspora. Porém, vamos tentar contextualizar e explicar este aparente paradoxo.

Dentro das epistemologias pan-africanas, qual a origem do pensamento que defende a ideia de que tanto o capitalismo quanto o comunismo fazem parte da mesma moeda, do mesmo time? Bem, é simples,

os pan-africanistas entendem que o que existe não é apenas a luta entre capitalismo (liberalismo) versus comunismo (socialismo), isto é, a tão comentada luta de classes (burgueses versus trabalhadores). Nas epistemologias pan-africanas, o que existe é uma batalha civilizacional iniciada com as expansões marítimas, portanto, bem anterior a acumulação primitiva do capital, a Revolução Industrial e ao próprio capitalismo.

Se nos debruçarmos sobre as teses de Cheikh Anta Diop, ou mesmo na obra *Racismo & Sociedade*, do intelectual preto Carlos Moore, veremos que esta batalha civilizacional está relacionada aos primeiros contatos dos povos pretos (meridionais) com os povos brancos (setentrionais), isso há milhares de anos, e dos conflitos advindos desses encontros e da postura xenófoba dos povos brancos e do seu medo de perecer. Logo, a questão do racismo não foi um desdobramento do capitalismo, como defende os marxistas; o regime capitalista é que foi um dos desdobramentos do racismo, da colonização e da escravização de viés racial. O que ocorreu é que o capitalismo, acompanhado das revoluções industriais, científicas e tecnológicas, impulsionou o racismo a um patamar jamais visto na história da humanidade.

E como foi dito, a batalha é civilizacional. Os brancos vêm implementado no mundo todo um modelo civilizatório fundamentado nos valores europeus. O modelo civilizatório deles tem uma matriz cultural própria da Europa. O que existe, na verdade e para além das estratégias do homem branco, é uma divergência de opinião sobre qual seria o modelo político e econômico mais adequado para implantar no mundo o projeto civilizatório branco e europeu.

Não é atoa que tanto o liberalismo quanto o socialismo são frutos de uma mesma matriz cultural e movimento filosófico, ambos são crias do Iluminismo e são pautados pela industrialização, crescimento econômico, controle da natureza, progresso e ideia de liberdade, prosperidade e felicidade. Todos os dois modelos econômicos e políticos foram estruturados a partir de experiências europeias e fundamentados por pensadores europeus, por exemplo, o maior expoente do liberalismo (capitalismo) é o inglês Adam Smith, enquanto que o maior expoente do socialismo científico (comunismo) é o alemão Karl Marx; não por acaso os dois eram brancos, europeus, pensaram a Europa e a melhor forma dos europeus se darem bem no mundo; todos os dois defenderam *stricto sensu* o projeto de expansão colonial e dominação racial dos brancos europeus no mundo. Todos os dois foram etnocêntricos e, por consequências disso, supremacistas brancos. Para ilustrar o nosso exemplo, mais uma vez vamos trazer as contribuições do historiador preto John Henrik Clarke, quando ele comenta as divergências superficiais dos brancos:

Agora vamos olhar o que está acontecendo na Europa. Não é uma discussão entre comunismo e capitalismo; trata-se de uma distinção de opinião sobre a metodologia do controle europeu do mundo. Os europeus decidiram que controlariam o mundo, seja pelo comunismo, capitalismo, socialismo ou fascismo.

Sabemos que John Henrik Clarke escreveu esta reflexão sobre a supremacia branca no contexto da Guerra Fria (1945-1991), porém ela é aplicável, sem risco de anacronismo histórico, tanto no contexto da primeira e segunda Revolução Industrial quando nos dias atuais. As obras de Carlos Moore, sobre a experiência dos pretos com o regime comunista em Cuba, também são significativas para os pan-africanistas, pois levam a crer que a supressão de um regime político e econômico não significa necessariamente a supressão da dominação racial. Muda-se o regime político e econômico, mas não muda-se a cor e nem a estrutura de pensamento das classes dirigentes. Porque a questão, para o povo preto, não é apenas o capitalismo contra o comunismo. A questão do homem e da mulher de origem africana não é apenas uma questão material, de cunho financeiro ou econômico, a questão é que a humanidade deles foram assassinadas, suas capacidades cognitivas questionadas e feridas de morte; nesses fatos encontram-se o cerne da questão de nossa atuação. Assim sendo, a questão é ontológica. A questão é cultural e espiritual; é territorial e civilizatória. A questão preta está para além da luta de classes, para além de direita e esquerda, e se insere no longo processo de dominação do mundo por parte das pessoas brancas.

Se analisarmos, dentro de uma perspectiva histórica, cultural e intelectual, tanto o liberalismo quanto o socialismo surgiram no mesmo contexto histórico e com o objetivo claro de promover a expansão da Europa; assim como de sua cultura e modo de vida.

Talvez esse tenha sido um dos motivos que levaram a intelectual preta, ligada a *afrocentricidade* de Molefi K. Asante, Nah Dove, na sua definição de supremacia branca, dizer que o que dá sustentação material para a supremacia branca era o regime político e econômico conhecido como capitalismo. Contudo, essa autora, em sua argumentação, deixou implícito que esta mesma supremacia poderia ser sustentada, materialmente falando, por outro regime político e econômico, como por exemplo, pelo comunismo. Pois a supremacia branca é uma instituição muito mais antiga e poderosa que o capitalismo ou comunismo e está fundamentada na estrutura de pensamento racista dos brancos, na xenofobia característica desse povo, no seu patriarcado, beligerância, militarismo, expansionismo, nomadismo, medo

do desaparecimento e necessidade de destruir todos aqueles que os mesmos julgam como sendo diferentes e hostis. Portanto, os pan-africanistas entendem que a mudança ou a derrubada do regime político e econômico vigente não significaria necessariamente a ocorrência da supressão da dominação racial dos pretos pelos brancos ou muito menos o fim do genocídio.

Neste ponto, podemos nos debruçar mais uma vez sobre as obras de Carlos Moore e na sua crítica ao regime comunista cubano; assim, perceberemos que a lógica de dominação dos comunistas brancos de Cuba não difere muito da lógica de dominação dos capitalistas brancos do Brasil. A experiência de um governo “popular” no Brasil, entre os anos de 2003 e 2016, mostra que investir no projeto político da esquerda branca não é a opção mais viável para os pretos que querem superar o estado de genocídio existente no interior do Estado brasileiro; pois este genocídio só tem aumentado e o branqueamento torna-se cada vez mais latente.

O pan-africanismo defende a tese da impossibilidade de se acabar com o racismo, não em médio ou curto prazo; se analisarmos as experiências e tentativas históricas de enfrentamento do racismo, constataremos que tal tarefa, mesmo inserida dentro de uma perspectiva de longo prazo, torna-se quase que impossível; o ceticismo se aprofunda pela falta de uma validação empírica.

Pois, seguindo as trilhas deixadas por Marcus Garvey, Cheikh A. Diop, Marimba Ani, Frances Welsing, Carlos Moore, Malcolm X, Stokely Carmichael e John Henrik Clarke, o racismo não seria apenas uma ideologia, mas uma estrutura de pensamento forjada ao longo de milhares anos e a partir dos primeiros contatos e conflitos entre os pretos e os brancos.

Como estrutura de pensamento, o racismo e o sentimento de superioridade estão tão enraizados e incrustados na cultura e na mentalidade das pessoas brancas, mesmo no inconsciente coletivo dessa gente, que a sua superação tornou-se quase que impossível, pois as tentativas têm se mostrado infrutíferas, desgastantes e quase nada propositivas para as pessoas pretas: um verdadeiro *trabalho de sísifo*. Por isso que os pan-africanistas não perdem tempo ou energia tentando combater o racismo, diretamente; tentando convencer os brancos da humanidade dos pretos; dizendo que os pretos têm as mesmas condições físicas, biológicas, intelectuais e cognitivas que os brancos. Essas questões estão superadas e os brancos que se resolvam com as suas neuroses e medos. Por causa deste entendimento é que os pan-africanistas se preocupam e gastam as suas energias no fortalecimento do povo preto; na restituição do amor-próprio, do orgulho e da humanidade dos pretos que fora dilacerada pelas experiências

traumáticas da invasão, do tráfico, da escravização, da colonização e do racismo.

A agenda pan-africana procura construir bases sólidas e estruturas de poder para fazer o enfrentamento na busca por um território onde os pretos possam estabelecer as suas próprias nações. E que eles possam, dentro destas nações e longe do projeto de genocídio, desenvolver todos os seus potenciais humanos. Estas concepções e epistemologias são partes inerentes da agenda política do pan-africanismo por essência.

O pan-africanismo é um movimento político, militar e, principalmente, cultural; assim, ele trabalha com o conceito de ontologia, isto é, os elementos que constituem a própria essência dos seres humanos pretos oriundos da África. A epistemologia pan-africana usa o conceito de *morte ontológica* para descrever aqueles irmãos que estão tão mergulhados nos valores brancos que já são como mortos-vivos na terra, pois nada fazem em prol dos seus e todos os seus passos são direcionados à tentativa de aceitação e aproximação do branco e da branca.

Mas como seria essa *morte ontológica* e qual a relação dela com a morte física? A *morte ontológica* levaria de alguma forma ao genocídio?

Sim, total relação. O morto ontológico quer ser branco, se veste como branco, fala como branco, cultua o deus branco, se relaciona afetiva e sexualmente com o branco, quer ter um filho branco, mutila o próprio corpo para se parecer com o branco e faz toda a sorte de malabarismo para se afastar de tudo nele ou nos outros, iguais a ele, que lembra ou tenha alguma ligação com a África. A *morte ontologia* é irmã do auto-ódio, e ela machuca os corpos pretos.

Como pôde ser constatado, não foi difícil responder essa questão. A *morte ontológica* é um desdobramento direto do processo de colonização das pessoas pretas e da África pelos brancos europeus, em que estes últimos impuseram os seus valores culturais, tais como a língua, a religião, a economia, as roupas, a cosmogonia, a cosmovisão, a estética, os aparatos simbólicos e materiais; isso com o custo de terem estigmatizado, inferiorizado, eliminado, apagado e branqueado os valores civilizatórios africanos (*valores ontológicos*). O ser africano, após esse processo de dominação espiritual, psíquica e cultural, se tornou fraco, sem fé, sem língua, sem-terra, sem deus, sem passado, com um presente caótico e sem perspectiva de futuro; mediante a isso, a retomada dos valores africanos tem o sentido de fortalecer ontologicamente esse ser; e, metaforicamente, resgatá-lo do túmulo do Ocidente e levá-lo aos pastos verdejantes da África. E quando estiver forte, vivo em suas próprias bases culturais, espirituais e psíquicas,

esse ser não vai mais se perder na ideologia do branqueamento e, muito menos, ser diluído na miscigenação.

Para os pan-africanistas, as relações inter-raciais constituem um grande obstáculo para a consolidação do *Renascimento Africano*, pois esta prática social, no decorrer do holocausto africano, foi usada pelos brancos para enfraquecer as pessoas pretas, dividindo-as, colocando-as umas contra as outras, tornando-as mais “atraentes” aos olhos das pessoas brancas, estabelecendo hierarquias internas e dificultando a unidade, sempre para facilitar a dominação; principalmente no Brasil e nos países de colonização ibérica.

Por fim, é importante dizer que fizemos toda essa reflexão filosófica para dizer que jamais os teóricos brancos, sejam conservadores ou progressistas, assim como os seus movimentos políticos e organizações ditas revolucionárias, combaterão a *morte ontológica* que tanto assola e massacra o povo preto. E enquanto não fugirmos da *morte ontológica* caminharemos rumo ao abismo do genocídio, pois a luta trata-se de um embate civilizatório.

Ouvindo samba africano; samba de preto, de pretos escuros... Talvez os últimos que sobreviveram ao holocausto da escravidão africana no Brasil: Clementina de Jesus, Mestre Candeia, Geraldo Babão, Manacéia, Donga, João da Baiana, Aniceto de Império, Ismael Silva, Aparecida, Os Originais do Samba (na voz do grande Mussum), Geovana e outros bambas; e várias e complexas reflexões brotam em nossa cabeça (em nosso *ori*, usando uma linguagem ancestral). E são reflexões mediadas pela beleza e pela tristeza. Pela beleza que exala de um povo que tinha tudo para não existir mais... de tristeza por saber que eles, mesmo com tanta beleza e profundidade reprimida em suas existências, foram silenciados, derrotados, subjugados, mortos ou diluídos pela tão famigerada ideologia do branqueamento. O genocídio do povo preto no Brasil se materializa principalmente de forma silenciosa e sutil, as vezes usando do recurso de proporcionar aos pretos e pretas uma falsa sensação de poder via relação afetiva e sexual. Enquanto nós, afogados nesta contemporaneidade tão confusa e dispersa, temos que ter o entendimento que também fomos, estamos sendo, enterrados com eles, mas sem glórias; quando muito, apenas as lágrimas dos mais próximos.

A questão é que o samba é triste... Os olhos dos verdadeiros sambistas eram tristes e cheios de mágoa, dor e desamparo; por falta de perspectiva e, por fim, resignação diante das misérias da vida. Suas canções era belas, versava sobre a malandragem, sobre as ruas, sobre o amor preto, sobre

solidariedade, festas e alegria, mas, no fundo, transitava as dores e sequelas legadas pela escravização dos seus ancestrais e em alguns casos de si mesmos.

Certa vez um tal de Stokely Carmichael,⁶ também conhecido como Kwame Ture, lá pelas bandas do Mississípi, Nova Iorque, Alabama, defendeu um tal de *Amor Eterno*, isto é, a ideia de que os pretos e pretas, apesar de toda a grande tragédia que os assolou e continuava a assolar, nutriam uns pelos outros um amor ancestral irredutível, um amor não mediado pelo lúbro ou pela razão, mas pela necessidade de enfrentar o mal branco em prol do irmão com a mesma origem e dor; assim, o *Amor Eterno*, defendido por Carmichael, era mediado pela melanina, pela cor da pele das pessoas pretas, uma pele que havia suportado o maior e pior dos crimes... uma pele resistente ao sol e a chuva... resistente a dor, a mágoa; talvez por isso essa pele seja tão bela, sublime e plena como o vento e a água que tudo preenche e encontra; que toca e encanta. O *Amor Eterno* de Stokely é o próprio *Amor Preto* dos pan-africanistas por essência. Se não nos falha a memória, Solano Trindade,⁷ poeta preto e ativista de primeira grandeza, versou certa vez que o “*Gemido de negro é cantiga/Gemido de negro é poema/Gemem na minh’alma*”; e assim e por esse motivo a nossa dor virou poesia, melodia, clamor e música: o *spiritual*, o *blues*, o *jazz*, o samba e, principalmente, o *soul*, o *soul music*, a *música da alma*; talvez este último gênero musical carregue o termo ou conceito mais apropriado para o tipo de música que a gente preta faz na diáspora e na África após a colonização e escravidão.

6. Stokely Carmichael nasceu em Trinidad, no dia 29 de junho de 1941, e se mudou para os EUA, em 1952. Carmichael iniciou a sua luta política como membro e depois presidente do SNCC, onde trabalhou organizando protestos com Martin Luther King e outros líderes no Sul. Carmichael, perdendo a fé na tática da não-violência, passou a promover o Poder Preto e o nacionalismo preto, aliando-se ao Partido dos Panteras Pretas; após romper com o Partido, Stokely Carmichael foi para a África, se converteu ao pan-africanismo, adotou o nome africano Kwame Ture, em homenagem aos líderes Kwame Nkrumah e Sékou Touré, e passou a trabalhar na difusão do pan-africanismo e construção dos Estados Unidos da África.

7. Solano Trindade (1908-1974) foi um poeta preto, folclorista, pintor, ator, teatrólogo, cineasta e militante socialista, que juntou arte e política na luta em defesa das pessoas pretas. Solano Trindade foi fundador do Teatro Popular Brasileiro.

Em consonância com esse nosso teórico preto, Cheikh Anta Diop,⁸ o *Faraó do Conhecimento*, defendeu um outro conceito muito caro ao nosso amado povo e de extrema importância na luta pelo *Renascimento Africano*. O conceito em questão é a *Unidade Cultural da África Negra*; ou seja, Cheikh Anta Diop defendeu a tese de que existia uma essência que interligava e era comum aos pretos de todo o mundo, um *ethos* ancestral, primitivo e desenvolvido culturalmente dentro de uma perspectiva de longo prazo, que se manifestava nas estruturas de pensamento das pessoas pretas, na dança, no gosto pelas cores, nas roupas, na comida, nas relações sociais, econômicas e políticas; na religião, cosmogonia e cosmovisão; na forma como a mulher africana era vista no interior das mais variadas etnias africanas, isto é, ocupando um lugar de centralidade (matriarcado e matrilinearidade) e comando; esse *ethos* era manifestado também na interação do africano para com o outro, com o estrangeiro; da mesma forma com a terra; com a natureza, com os animais; sempre dentro de uma lógica de totalidade, integralidade e complementaridade, etc; esse *ethos*, segundo esse teórico, fazia com que o africano vivesse integrado ao universo e aos ancestrais e jamais o oposto disso.

Segundo esse nosso mais velho, esta *unidade cultural* incluía, igualmente, os sentimentos, assim como a resposta à opressão e a dor. Talvez por isso a essência da música preta seja triste e bela; seja leve, porém pesada; como o samba e o jazz; como Cartola e Billie Holiday; como Nelson Cavaquinho e Nina Simone; como a vida que é extraída da morte ou como a partida de um bem querido, porém com a esperança de um retorno, de um *eterno retorno*.

Diante disso, sem dúvida alguma, dá para entender o banzo; a ideia de suprimir a própria vida, fazendo ingestão de terra, para fugir da dor, da dor da saudade. Mas não, a concepção de vida e morte do povo preto, veja só, do povo preto, é diferente da concepção de vida e morte do povo branco, pois não acreditamos no fim absoluto e irrestrito; acreditamos no retorno, no reencontro, na reunião de irmãos, de parentes antigos, de parentes nunca vistos, daqueles parentes nunca vistos mas que no fundo possuem as mesmas dores e traços; um mesmo *ethos* (uma mesma *Unidade Cultural da África Negra*) e por isso nutrimos por eles um *Amor Eterno*, um *Amor Preto*. Isso, na cosmogonia e cosmologia Iorubá, se chama ancestralidade e respeito aos que nos antecederam. Talvez essa concepção de vida e morte seja o propulsor do banzo e das revoltas suicidas (*“já que não morremos, de fato, vamos nos*

8. Cheikh Anta Diop (Senegal, 1923-1986) foi um intelectual, político, historiador, antropólogo, etnólogo, físico, químico, egiptólogo, sociólogo, filósofo e linguista.

chocar, com disposição pra morte, contra esses canalhas brancos de espíritos malignos...”); nunca se sabe; nunca se sabe de nada ao certo, de nada mesmo; estamos aqui apenas cumprindo o nosso papel no mundo, na sociedade; que para muitos de nós se mostra apenas como um pesado e torturante fardo imposto pelo homem branco.

Mas como toda narrativa não se isenta de contradição, não seria diferente aqui, principalmente por se tratar das reflexões de uma cabeça regida por Obatalá e Exu, duas divindades tão diferentes e distantes uma da outra.

E se não fosse o suficiente, uma cabeça estruturada a partir de duas matrizes culturais, ou a chamada *dupla consciência* de W. E. B. Du Bois;⁹ no bojo dessa *dupla consciência* vem o pessimismo de Nietzsche e o existencialismo de Sartre, além da dialética do materialismo histórico de Marx; sem sectarismos ou preciosismos de ideias, malungos!

Porém essa *dupla consciência*, se não mediada pelo *Amor Eterno* e pela *Unidade Cultural da África Negra*, tem o poder de tornar as nossas consciências massacradas e as vezes inertes diante dos dilemas da vida, já que parte de uma das consciências nos possibilita o entendimento de que tudo não passa de ideias (um *teatrão* tragicômico); e, por esse motivo, nem sabemos ao certo se estamos aqui por algum motivo especial ou se isso são apenas reflexos e desdobramentos do crime e da selvageria da civilização Ocidental (supremacia branca); quando isso, então a nossa identidade e modelo de luta, mesmo com uma retórica radical de descolonização das mentes e corpos, são pautadas pelos mesmos que nos impuseram o referido pesado fardo. Temos que pensar nesses termos, porém sempre buscando o pragmatismo e o melhor para a mente e o corpo das pessoas pretas.

Dito tudo isso, voltamos ao ponto da origem: a beleza é a tristeza. Pensamos que os mais velhos, que nos possibilitaram tanta beleza, além de nossa própria existência, merecem toda a nossa dedicação e respeito; por terem tido a capacidade sobre-humana de suportar a escravidão, resistir, e transformar dor em poesia; transformar tristeza em beleza... Por terem tido a

9. William Edward Burghardt Du Bois (EUA, 1868-1963) foi um sociólogo preto, historiador, ativista dos direitos civis, pan-africanista, escritor, autor, psicólogo, intelectual e editor de jornal e revista. Du Bois foi o primeiro afro-americano a obter um doutorado, tornou-se professor de história, sociologia e economia na Universidade de Atlanta. Du Bois foi também um dos cofundadores da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), em 1909, e um dos principais organizadores dos cinco primeiros Congressos Pan-Africanos (Paris, 1919; Londres, 1921; Lisboa, 1923; Nova Iorque, 1927; Manchester, 1945).

capacidade de, mesmo com dor e um sentimento de humilhação, sorrir; mesmo que com um sorriso triste e acanhado. Quando o corpo e o espírito clamavam por lágrimas, rancor e ódio, nós sorrimos uns para os outros e enxergamos nisso o *Amor Eterno* e a *Unidade Cultural da África Negra*, que são elementos constitutivos do pan-africanismo por essência. Esses músicos e artistas, de todas as linhagens e contextos, foram pan-africanistas por essência e fizeram das suas manifestações artísticas elementos de enfrentamento e luta, isto é, uma agência incisiva do *Renascimento Africano*, que tenhamos esse entendimento e não os entreguemos de bandeja para o esvaziamento tão característico das classificações culturalistas da supremacia branca; fazer isso com consistência e coragem é honrar as suas memórias e legados.

Ah! Tivesse sido diferente. Ah! Tivéssemos vivido os sentimentos suprimidos por força de um *ethos*, até mesmo dúvida, talvez não estivéssemos nesse atoleiro todo; nesse abismo de desespero, falta de perspectiva e desamparo; como bichos, desaparecendo e cada vez mais se parecendo com os outros; isso mesmo, as nossas feições estão cada vez mais parecidas com as feições dos agentes de toda a barbárie que há séculos assola os africanos e o mundo africano.

A batalha é civilizacional e o que está em questão não é pura e simplesmente a opressão e domesticação dos corpos; o que por si só não seria pouca coisa; mas é importante que se diga, a nossa questão vai para além da morte física: ela é *ontológica* (essência). A nossa morte é humana e é também cognitiva; contraditoriamente falando, ela é espiritual. O pior crime que pesa sobre os nossos lombos foi nos ter roubado a nossa humanidade, ancestralidade e espiritualidade. A colonização conseguiu fraturar e, na maioria dos casos, romper com o vínculo ancestral. O resultado é que hoje nos tornamos pessoas doentes, solitárias e pedidas; pessoas cabisbaixas e, ao mesmo tempo, eufóricas com o não ter, com o não ser; pessoas que tremem na presença dos seus próprios algozes. Nos comunicamos a partir da língua do inimigo e usamos os seus nomes, acendemos velas e fazemos oferendas aos seus deuses. Almejamos ser como eles, em tudo; em pele, vestimentas e alma. E esse quadro caricatural, anteriormente apresentado, é o oposto daquilo que fomos um dia; porque nós criamos a consciência, as ideias, o fazer; e, junto disso, a liberdade; hoje somos um povo que vive com medo; o medo da vida, o medo da morte... o terrível medo do fracasso de não conseguir ser como eles; fugimos de nós e buscamos ser eles; repudiamos a nossa ancestralidade e idolatramos a ancestralidade deles; isso é, por si só, algo doentio e digno de pena, de ódio. Temos que parar, nesse momento da leitura, fechar os olhos e fazer uma reflexão profunda sobre como estamos

vivendo a nossa vida e o que queremos para nós e nosso povo; como se fosse uma retrospectiva propositiva, isto é, uma autoanálise voltada ao porvir coletivo. Após isso, devemos responder para nós mesmos: estamos mais próximas da África ou da Europa? Estamos buscando o quilombo ou a casa-grande? Somos um preto do campo ou um negro da casa? Estamos buscando o empretecimento ou o branqueamento? Somos guerrilheiros da causa da gente preta ou somos meros traidores da mesma?

Não devemos nos desesperar, existe a possibilidade de uma virada dialética em tudo nessa vida e a história é dinâmica; ela não é linear; se fosse para arriscar, diríamos que ela é cíclica, com idas e vindas, versus e reversos, fluxo e refluxos ou, como cantou os velhos sambistas, “*com os seus altos e baixos*”. Assim, como na filosofia do *sankofa*, nunca é tarde para voltar e consertar o erro ou, de forma mais fidedigna ao conceito filosófico Adinkra,¹⁰ nunca é tarde para “*voltar ao passado para resinificar o presente e construir o futuro*”.

Pensando nisso, temos que nos atentar para a seguinte reflexão: o medo, segundo Nina Simone,¹¹ é a antítese da liberdade; pois certa vez, ao ser questionada, ela falou que “*ser livre é não ter medo*”. Portanto, se a nossa liberdade está condicionada a nossa ruptura com o medo, o que e como seria não ter medo? Estaria de fato a liberdade condicionada a ideia de não ter medo? O orgulho, não no sentido mesquinho do termo, teria alguma relação ou aproximação com a liberdade? Se sim, talvez Nina Simone e Steve Biko, dentro da lógica conceitual da *Unidade Cultural da África Negra*, tenham criado pensamentos consonantes e complementares! Pois, certa vez, Steve Biko,¹² o corajoso príncipe do povo preto da Azânia e do mundo africano, sintetizou a sua proposta de luta com a seguinte reflexão:

10. *Adinkra* são símbolos visuais que representam conceitos filosóficos, éticos, morais e aforismos. Os *Adinkra* são usados em tecidos, cerâmicas, construções, adornos e objetos pessoais entre os povos Ashantis.

11. Eunice Kathleen Waymon, mais conhecida como Nina Simone (EUA, 1933-2003), foi uma pianista clássica, cantora, compositora e ativista pelos direitos civis dos pretos norte-americanos, por ser uma pan-africanista por essência, defendia o nacionalismo preto em seus discursos e canções.

12. Bantu Stephen Biko (Azânia, 1946-1977) foi um ativista sul-africano *anti-apartheid*, nacionalista preto e pan-africanista por essência. Biko foi o criador do conceito de Consciência Preta, no final de 1960 e grande parte de 1970. Suas ideias e filosofias foram divulgadas em uma série de artigos publicados sob o pseudônimo Frank Talk; postumamente organizados em um livro chamado *Escrevo o que eu quero*.

A gente ou está vivo e orgulhoso, ou está morto. E quando se está morto, a gente não liga mesmo. E o modo como se morre pode ser, por si mesmo, uma coisa que cria consciência política. Assim, a gente morre nos tumultos. Para um número muito grande, na verdade, não há realmente muito o que perder – quase que literalmente, dado o tipo de situações de que provêm. E assim, se a gente puder superar o medo pessoal da morte, que é uma coisa altamente irracional, sabe, então a gente está a caminho.

Como pode ser visto, ele fala de luta, de luta política coletiva e organizada, ele não fala de devaneios intelectuais ou reflexões vazias e desprovidas de propósitos de povo ou de uma subjetividade centrada na lógica do suicídio ocidental, ele está falando do *Renascimento Africano*. Steve Biko fala de usar a própria forma de morte como elemento de formação política, organização e luta. E Biko estabelece a supressão deste medo em uma dimensão não racional do corpo e do cérebro. Nosso teórico diz que quando atingirmos tal estado de espírito e consciência política, isto é, a ausência da razão (o não medo da morte), avançaremos enquanto povo, já que possibilitaremos, com as nossas mortes, um tal grau de consciência política que vai tornar a dominação branca algo insustentável; estado de espírito polêmico e controverso, mas aceitável por se tratar de Steve Biko, um nacionalista preto e pan-africanista por essência. Se verificado e validado tais hipóteses, teremos um bom repertório de antíteses filosóficas a serem aplicadas em nossa luta. Se a gente se aprofundar no conceito de *Amor Eterno* de Stokely Carmichael, veremos que ele situa tal conceito dentro de uma lógica irracional de supressão do medo da morte, quando na percepção e necessidade de execução de uma prática pan-africanista, quando ele diz:

Nosso povo tem demonstrado o amor eterno. O homem branco não quer que saibamos disso, mas não tomamos interpretações do homem branco aqui. Se você está andando na rua e você tem amor por seu irmão e um policial atira nele, daí você tenta matar o policial com um tijolo, uma garrafa, um pau – qualquer coisa que você tenha em sua mão – isso é amor eterno. Quando você chega a fase de amor eterno, esquece o que é chamado de “razão”. Se você ver um policial batendo em sua mãe, você não tem tempo para razão nenhuma, você vai tentar matá-lo. E se vemos cada mulher preta como nossa mãe, então poderíamos começar a entender esse conceito de amor eterno. Se víssemos cada homem preto como nosso irmão, então poderíamos começar a entender esse conceito de amor eterno. E se víssemos cada mulher preta como a nossa irmã, então poderíamos compreender este conceito de amor

eterno. É esse o conceito, primeiro e mais importante, que devemos tentar alcançar.

Assim, se pegarmos todos os pensadores citados até aqui, inquestionavelmente, encontraremos uma *unidade cultural* e um *ethos* de luta, uma consonância em percepção, em sentimento e em ação. E são esses os elementos que vão lastreando e cimentando o pan-africanismo por essência. E tanto Nina Simone quanto Steve Biko conheciam e defendiam o *Amor Eterno*.

Agora estamos avançando; avançando para um ponto importante da discussão. Sabemos que uma das características da colonização e escravidão (nem citamos o racismo, pois, para nós, o racismo é como um demônio odioso, onipresente e estruturante, que movimenta todos os tipos de opressão contra as pessoas pretas) foi nos incutir o medo, após destruir a nossa humanidade. E enquanto não rompermos com o medo dos brancos não trilharemos um caminho rumo ao *Renascimento Africano*; assim, concluímos que o não-medo é um dos elementos que compõem o pan-africanismo por essência.

Estudemos um pouco a história do pan-africanismo e o tipo de pan-africanismo por essência por nós defendido e como ele se insere na historiografia pan-africana.

O conceito “pan-africano” para nós, nacionalistas pretos e por essência pan-africanistas, linguística e etimologicamente falando, é apenas um rótulo ou um conjunto de letras que formam uma palavra. Este conceito vem sendo usado há mais de um século por africanos, na África e na diáspora, que lutaram e lutam contra a escravização, colonização e racismo anti-preto.

Pelo que a história registrou, a primeira pessoa a usar o conceito “pan-africanismo” foi o advogado preto, de Trindade, Henry Sylvester Williams (1869-1911), na Conferência Pan-Africana, organizada pelo próprio Williams, na cidade de Londres, em 1900. Sylvester Williams fundou uma organização política chamada Associação Africana que, logo se tornaria a Associação Pan-Africana, com filiais em várias partes do mundo, com o objetivo de organizar os africanos do continente a lutar pelas suas terras e contra a expansão imperial europeia ao passo que visava denunciar o racismo

e a dominação existente na diáspora, tentando com isso tensionar a supremacia branca na busca pelos direitos civis e humanos dos pretos nas Américas e Europa.

Outros irmãos já vinham cimentando a estrada para a caminhada de Sylvester Williams, como por exemplo, Paul Cuffe (1759-1817), Martin Robison Delany (1812-1885), Africanus Horton (1835-1883), Alexander Crummell (1819-1898), Booker T. Washington (1856-1915), Edward Wilmot Blyden (1832-1912), William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963), entre outros. Entretanto, mesmo operando a partir de práticas pan-africanistas, nenhum desses irmãos haviam usado o conceito “pan-africanismo” e aqueles que passaram a usar, como por exemplo, Du Bois, foi posterior a Conferência Pan-Africana de Sylvester Williams. Seja como for, é importante dizer que quaisquer que sejam as letras ou palavras usadas têm a sua origem nos códigos gráficos dos colonizadores europeus. Por isso, mais importante do que o conceito é a filosofia e as práticas, melhor dizendo, a essência (*Unidade Cultural da África Negra* e *o Amor Eterno*), que está inserida no interior deste conjunto de palavras. E é sobre esta filosofia que faremos alguns apontamentos e reflexões.

A filosofia pan-africana, não àquela instituída a partir do final do século XIX, mas sim àquela autóctone e tradicional, calcada no conceito de “*Unidade Cultural da África Negra*”, de Cheikh Anta Diop, e no *Amor Eterno*, de Stokely Carmichael, expressa sentimentos e aspirações de unidade política, social, econômica, militar e, inseridos em determinados contextos de tempo-espço, o resgate cultural e a reconquista territorial.

Por detrás deste rótulo existem valores embutidos que nos acompanham há milhares de anos. Valores responsáveis pela sobrevivência e resistência dos povos africanos durante toda a existência humana. No decorrer dos milênios, a humanidade africana foi submetida a uma grande quantidade de adversidades e provações; isso milênios antes do desenvolvimento de outras raças no planeta (por exemplo, o povo branco não tem 12 mil anos de existência, enquanto que nós, os africanos pretos, os primeiros *homo sapiens sapiens*, existimos há mais de 200 mil anos). Dificuldades climáticas, geográficas, alimentares, riscos de extinção, epidemias, etc., marcaram a história africana no decorrer dos milênios. Porém, nenhuma delas foi capaz de nos derrubar, de nos descaracterizar ou levar a gente à extinção. A imunidade física e a intensa capacidade de resistir e se reinventar parece que faz parte de nossa gloriosa trajetória cultural e de nossa “condição biológica”. Somos um povo resiliente. Isso levando em consideração o fato de estarmos aqui, pretos, fortes, bonitos e inteligentes, como há milhares de anos. O povo preto é o povo original porque a

humanidade surgiu na África e todo o processo evolutivo de hominização e humanização se deu no interior do continente africano; assim, como defendeu, na vanguarda das ciências humanas, sociais e biológicas, Cheikh Anta Diop: “*a África é o berço da humanidade*”.

O pan-africanismo, dentro desta perspectiva heterodoxa e flexível, também chamado de “pan-africanismo por essência”, sempre existiu. Existe desde a época dos primeiros seres humanos. Seres humanos que surgiram na África e que tinham o genótipo e o fenótipo preto. E como se organizaram, diante das dificuldades imposta pelo meio ambiente, para se manterem vivos, eles praticaram um tipo de unidade preta (pan-africanismo). Esse tipo de unidade preta, nada mais é do que pan-africanismo por essência. Para o historiador pan-africanista e nacionalista preto John Henrik Clarke (1915-1998), a estruturação das primeiras famílias, do primeiro clã, da primeira aldeia, vila, cidade, Estado e civilização, foram experiências essencialmente pan-africanas, pois tinham na essência e lógica a unificação de pessoas pretas para a permanência destes na terra com mais conforto e segurança.

Todas as vezes que os seres humanos pretos se viram explorados e apartados de sua humanidade plena ou com risco de vida, o pan-africanismo emergiu como uma potente ferramenta de superação e luta. Ele emergiu todas as vezes que forças externas ameaçaram a existência e permanência de pretos na terra. Não importa a origem ou as roupagens dessas ameaças, o pan-africanismo emerge como uma força propulsora que exorta os pretos ao enfrentamento. Emerge como uma força capaz de subir e descer montanhas; cruzar lagos, rios e mares; força capaz de apagar incêndios e ir de encontro aos vendavais; e a gloriosa Revolução Haitiana (1791-1804) esfrega isso na cara dos incrédulos, as experiências quilombolas também fazem com a mesma intensidade e maestria.

Nada será capaz de confrontar esta força africana que movimenta o mundo e faz o motor da história africana girar. Força que emerge da alma da gente africana; que emerge da essência do povo preto e que se manifesta na guerra e na arte (música). A nossa missão, como pan-africanistas programáticos, é articular estas duas dimensões (guerra e arte; lembrando que o exercício intelectual e a produção do conhecimento é uma forma de arte) no resgate do pan-africanismo por essência, visando com isso a nossa organização e luta (*Renascimento Africano*). O nosso avanço não pode ser mediado apenas por retóricas e palavras de ordem, mas por ações práticas, ocorridas no mundo real e possibilitadas pelas condições materiais e humanas existentes (concretas).

A colonização foi pesada e impactou a cultura, a percepção e a cosmovisão dos povos africanos. A estrutura de pensamento do povo preto

foi, pela violência da colonização e escravidão, espancada e fraturada (ferida de morte e hoje sucumbe lentamente por conta de uma intensa hemorragia); parte dela se foi e já não volta mais; parte foi transformada em caricaturas ou arremedos dos valores brancos. Estabeleceu-se, assim, pontos de rupturas e mesmo completos abismos entre o antes e o agora do povo preto. Muitos já não sabem lá muitas coisas sobre os tempos antigos e é como se não existisse a experiência da escravidão ou se não existissem os “*preto em luta*”. É o esquecimento usado pelos brancos como arma política; é a manipulação da memória, o revisionismo histórico muito característico do epistemicídio promovido pelos brancos e sua neurose por supremacia e medo do desaparecimento.

Por causa desses pontos de rupturas, os colonizadores podem até mesmo neutralizar, por um curto ou longo período de tempo, esta força ancestral que nos acompanha desde os primórdios da humanidade. Mas eles não conseguiram e dificilmente conseguirão extingui-la por completo. Eles nunca conseguiram apagar de nossa vida, de nosso inconsciente e de nosso *atavismo*, esta energia ancestral e agregadora. Força que hoje está sendo reconstruída e, em alguns contextos específicos, readquirida pela juventude preta revolucionária que não mais acata as ordens dissimuladas de uma suposta ajuda ou aliança branca. Hoje esta juventude preta combativa, tomando as rédeas de suas próprias narrativas, está mandado para o inferno a esquerda branca e os seus brancos progressistas, mas com o entendimento que a direita e o fascismo (liberalismo e capitalismo) é o inferno em terra para as pessoas pretas. Isso vem ocorrendo, porém com muita dificuldade de percurso, porque a juventude, em grande medida, carece de exemplos firmes e duradouros de luta, principalmente na fazenda-cativeiro chamado Brasil.

E quando esta retomada estiver sido concluída, o poder preto será apresentado de forma não tão amistosa para os membros racistas da raça branca. Segundo alguns, de espírito rebelde e mente torturada, não restará pele sobre carne.

Terá chegado o momento da revanche: a vingança dos filhos da África. A desforra da grande mãe adormecida. O certo é que existem pretos pan-africanistas por essência nas mais variadas partes do mundo, a peculiaridade é que a maioria esmagadora ainda não tem consciência de tal condição e por isso não aplicam de forma organizada e programática a essência e o potencial de luta que possuem. Pretos que há décadas, há séculos, foram e continuam sendo, através de fraudulentas histórias, forçados a hibernar agasalhados em concepções europeias. Uma gente escura que vive um sono profundo de ignorância e negação. Bastará que esta gente se entenda como sendo os seres herdeiros do mundo, os originais, para que as coisas comecem a avançar. Pois

grande parte das criações e riquezas que existem no mundo ou são nossas ou foram construídas a partir do nosso trabalho e inteligência. E, partindo deste entendimento epistêmico, essas riquezas nos pertencem tanto quanto pertencem a qualquer outro povo.

A história está em nosso favor e é apenas uma questão de tempo até que isso aconteça. O tempo tem o seu próprio *modus operandi* e para nós ele ainda não foi revelado. Devemos ter sabedoria e paciência, perseverança de rocha e serenidade de baobá. O cultivo da paciência é um imperativo na luta pan-africana. Nosso tempo de vida é minúsculo em relação ao tempo histórico. Quando operamos transformações em nosso tempo de vida, muitas vezes chegamos ao errôneo entendimento de que não fizemos lá grandes avanços, entretanto, mesmo sendo imperceptível para nós, quando as nossas ações juntam-se as ações de outros irmãos e irmãs, dentro de uma lógica contínua e de longo prazo, estamos fazendo mudanças no tempo histórico. Essa é a dialética da revolução africana e do próprio *Renascimento Africano*. Pois tudo ocorre em seu devido tempo. A história, atrelada ao tempo, é implacável e não faz concessões, ela cobra as contradições e coloca uma pedra sobre o mal. No fim, o mal perecerá na terra e os justos reinarão e suas melaninas refletirão o brilho do sol.

A civilização branca é má. E não se trata de um julgamento moral ou de valor. O modelo civilizatório oriundo da Europa e seus filhos, também chamado de Ocidente, é destrutivo e está levando o planeta a uma verdadeira hecatombe. O que dá as bases e sustentação material à civilização branca (supremacia branca, uma máquina de moer vidas) é o regime político e econômico conhecido como capitalismo; assim, o pan-africanismo tem no capitalismo um inimigo irreconciliável.

O maior e mais avassalador crime na história da humanidade foi cometido contra nós: deslocamento forçado e escravização de cunho racial. Porém, por uma questão de justiça histórica, a maior revanche da história da humanidade será posta a cabo por nós. Serão pretos injustiçados, raivosos e vingativos versus brancos racistas covardes e com mentes doentias. Adversários políticos que vem, durante séculos e mais séculos, destruindo o nosso mundo, não só o mundo africano, todo o planeta está sendo destruído por meio do modelo civilizatório branco e capitalista. E, visto desta forma, o pan-africanismo fará um bem não só para os pretos, mas para a humanidade, para a natureza, enfim, para o planeta por um todo. O conceito de transformação e civilização do mundo, defendido nas teses de Frantz Fanon, em *Os condenados da Terra*, tem uma dimensão pan-africana em essência; e, como defendeu Steve Biko, a maior contribuição da África para o mundo vai ser no campo da humanidade, respeito e acolhimento.

Constatamos que a condição de vida que é imposta aos pretos, através da opressão racista e capitalista branca, foi, e continua sendo, tão degradante e maléfica que deixou efeitos colaterais profundos em nosso espírito.

O mundo visto por um preto passa pelo crivo dos fardos do passado e pela assimilação dos valores do presente, impulsionados pela indústria cultural ou cultura de massa, visando a implementação da lógica do consumismo no interior das nossas comunidades.

A ação devastadora branca deslocou o eixo natural do planeta e hoje as coisas do mundo encontram-se fora de sintonia; em desarmonia, como se os humanos não fossem parte intrínseca da natureza e estivessem aqui apenas para dominá-la e exaurir da mesma todos os seus recursos naturais com intuito da manutenção dos privilégios. O pan-africanismo questiona e repudia tal visão de mundo.

Assolados pela colonização mental, os pretos da diáspora, vítimas do tráfico infame de gente, enxergam o mundo de um prisma diferente do preto que ficou na África e isso o empurra para a solidão, desamparo e falta de perspectiva. Muitos africanos, na própria África, mentalmente colonizados, encontram-se tão deslocados quanto os da diáspora, as vezes até mais. Isso porque a cultura é viva, dinâmica, mutável, e se transforma no tempo e no espaço; transformações essas sempre mediadas pelas condições materiais existentes, assim como pelas necessidades de vivências e sobrevivências imperantes. A colonização e a partilha da África, implementada após a Segunda Revolução Industrial e expansão imperial, em fins do século XIX, teve e tem para os africanos o peso de catástrofe que o tráfico negreiro e a escravização teve e tem para os pretos da diáspora.

O retorno psíquico e cultural à África é o primeiro passo para uma realocação ao eixo original e subjetivo do homem preto e da mulher preta. Qualquer coisa fora disso é genocídio, é morte ontológica e, por consequência disso, física. Para que esse tipo de morte não ocorra, devemos nos comunicar a partir dos nossos próprios termos e conceitos.

A negação da nacionalidade e dos valores impostos pela colonização é o segundo passo para esse fortalecimento subjetivo e, por consequência disso e na soma, coletivo. E mesmo que usemos tais valores eles devem ser vistos por nós como sendo alheios ao nosso povo. Devemos usá-los como ferramentas e não como extensão dos nossos corpos ou elementos inerentes a nossa gente.

Nossas ações objetivas no mundo são mediadas pela nossa subjetividade, mas nossa subjetividade é possibilitada por meio do contato com o outro, por isso a importância de buscar pessoas que nos fazem bem e podem, de alguma forma, agregar elementos positivos à nossa existência e

luta; portanto, sempre que possível, devemos evitar ou fugir de pessoas tóxicas (*lato sensu*).

O homem branco não deve ser padrão ético e moral para ninguém. Muito menos estético. Devemos operar no mundo e o mundo a partir dos nossos próprios termos e conceitos; nunca é demais reafirmar nossos propósitos, métodos e agência.

Mesmo a inteligência do homem branco não deve ser um fenômeno passível de ser idolatrado ou reverenciado, pois o desfecho desta inteligência foi e continua sendo os crimes e as mortes: a barbárie; para nós, *Maaafa*. Observemos com atenção e criticidade a história da Civilização Ocidental, com os seus choques culturais e movimentos intelectuais e científicos, e veremos uma trama milenar pela busca do entendimento, controle e destruição do mundo e tudo que nele habita, inclusive as ideias e cosmogonias criadas pelas necessidades humanas. O homem branco e a civilização que ele criou é iconoclasta, deicida, fraticida; isso porque ele, historicamente, vem se mostrando um ser em desarmonia com o mundo e em desassossego com o seu semelhante e consigo mesmo; até aí tudo bem, não fosse alguns traços culturais tão característicos de sua matriz cultural, o problema seria somente dele; porém o que dificulta é o seu perfil expansionista, xenofobista, machista, falocêntrico, militarista, beligerante, genocida e epistemicida, como bem conceitualizou Cheikh Anta Diop em sua teoria dos berços meridional e setentrional. Por isso, talvez sirva-lhe tão bem a alcunha de *Yuguru*, conceitualizado pela filósofa e intelectual pan-africana Marimba Ani.

O gênio ocidental instrumentalizou a consciência em direção à guerra total. Pretendem destruir a todos e destruirão a si mesmos. A pretensa racionalidade branca nada mais é do que a mais vã inocência dos suicidas que são motivados por nenhum propósito político, estético e humano; apenas pela cegueira dos sem propósitos.

O pan-africanismo busca operar transformações na consciência, na linguagem e nas ações dos homens pretos e mulheres pretas para que eles possam fugir das armadilhas da Civilização Ocidental. Transformações direcionadas para a reação e ação; direcionadas para a criação de uma antítese radical e libertadora.

Reações e ações que poderão, por si só, resistir e destruir a opressão da supremacia branca ou operar transformações na vida as pessoas pretas oprimidas por esse modelo civilizatório.

O pan-africanismo não é tão benevolente quanto se acredita. O pan-africanismo tem um *ethos* quilombola. E o quilombola matava o capataz e o senhor de engenho. O quilombola incendiava as plantações e demolia a casa-

grande. O quilombola matava a sinhá branca e suas crianças. O quilombola usava faca, facão, flecha, porrete, arma de fogo, veneno e o próprio corpo em suas ações. O quilombola agia como uma pantera preta, diante de sua presa; assim, as vezes, rasgava-a com os dentes e se embriagava com o seu sangue. O quilombola incendiava tudo e regozijava diante do fogo inclemente. O quilombola amava o outro quilombola, porque cuidava e era por este cuidado, mas o quilombola odiava com todas as forças das suas entranhas a escravidão e o homem branco estuprador, que, mesmo no quilombo, não o deixava em paz, nem um minuto sequer, fazendo-o ficar o tempo todo vigilante, sem ter condições de baixar a guarda, sempre em posição de guerra, sempre em alerta e em posição de combate. O quilombola é o preto do campo descrito pelo irmão Malcolm X, isto é, um pan-africanista.

Vai chegar o momento em que os pan-africanistas terão as suas armas e com isso enfrentarão o homem branco de igual para igual: em uma guerra total; como profetizou em seus escritos e discursos o irmão Marcus Mosiah Garvey. Isso porque o pan-africanista sabe da origem, desenvolvimento e dimensão do racismo branco e da impossibilidade do seu fim.

O pan-africanismo é uma arma do povo preto. Isso é um fato importante que tem que ser dito e mais ainda entendido. O pan-africanismo já está à frente de outros movimentos pretos porque ele não permite a presença de brancos em suas fileiras. Já não precisamos, como pan-africanistas por essência, nos preocupar com a patologia ou mesmo com a síndrome do branco bom, do branco patrão, do complexo do branco chefe e protagonista de tudo; aquela prática que o branco sempre usou de chegar, sorrir, pedir para entrar, ficar calado, conhecer, estudar tudo, criar intrigas, dividir e depois comandar tudo e todos como se aquilo fosse algo inerente a sua condição de sem melanina; e como coroamento de sua astúcia de guerra, praticar o epistemicídio ou o vulgarmente chamado branqueamento. Nós, pan-africanistas por essência, não temos este problema porque os brancos não se aproximam de nós; eles já conhecem o nosso posicionamento de conhecimento de causa e desconfiança; ou, como defendeu John Henrik Clarke, o tão necessário *Egoísmo Essencial para a Sobrevivência* (nacionalismo preto radical em sua forma crua e desprovida de requintes intelectuais).

Seja como for, chegamos a conclusão que a opressão poderá se desgastar a ponto dela autodestruir-se. Nenhum império, na história da humanidade, foi perene. Todos eles passaram pelos estágios de criação, desenvolvimento, apogeu, crise e, por último, pelo desmoronamento total ou parcial. Perguntamos aqui e agora, por qual motivo especial o império ocidental da supremacia branca fugiria a esta regra? E essa não é uma análise ou um entendimento positivista ou determinista; ele é materialista e

dialético. Pois os impérios constroem as suas teses e hegemonias. Para constituir as suas teses e hegemonias, eles produzem as contradições internas, assim como as suas desigualdades, opressões e descontentamentos. Essa contradição interna, por sua vez, constrói as suas antíteses. Tese e antítese se chocam em conflitos variados, violentos e as vezes mortais. Desses enfrentamentos surgem as sínteses, que já não são nenhuma coisa e nem outra, mas a soma dos choques civilizacionais ou mesmo de ideias. A síntese representa algo novo. O novo, porém, nem sempre representa um avanço ou algo melhor para a maioria das pessoas. A síntese, após consolidação e supressão dos antagonismos de origem, se torna uma tese; e assim, sucessivamente, choca-se com outras antíteses em uma luta “*sem-fim*” (dialética). Para a melhora ou piora das coisas, tudo vai depender da correlação de forças e da consistência e densidade das forças antagônicas em oposição e luta.

Na parte que nos toca, esses efeitos colaterais propiciaram a criação de mecanismos de autodefesa e resistência para as situações mais diversificadas que uma escravização e marginalização podem apresentar. O resultado é que o homem preto é realmente um homem, assim como, a mulher preta é realmente uma mulher, em detrimento de tudo que prega o oposto. Ambos, apesar de todo o desgaste humano no decorrer dos séculos, apesar de todas as humilhações e omissões, são realmente seres humanos; mesmo não sabendo ou reconhecendo isso. Seres humanos dotados de força e disposição para resistir e sobreviver, dotados de uma inteligência forjada *in loco* do caos. Nós, os pretos, somos seres humanos dotados de uma admirável humanidade e, diferente deles, temos sentimentos e nos compadecemos diante da barbárie. Desta forma, ambos estão, suficientemente, habilitados para resistir as possíveis e constantes adaptações que se fazem presentes nestas sociedades contemporâneas e aceleradamente mutáveis.

E quando for chegado o momento, nós sobreviveremos. Pois os homens e as mulheres de origem branca europeia, por serem cidadãos de primeira classe, habitam um mundo completamente distinto do nosso. Um mundo de cinema, de contos de fadas. Um mundo que lhes oferecem todas as mordomias e privilégios. Um mundo que se construiu a partir da exploração dos povos pretos e de suas terras. A burguesia e a elite branca, por terem sempre “escravos” nos seus arredores, tornaram-se criaturas sedentárias e frouxas, dependentes de alguém para limpem as suas bundas e consertarem as suas merdas. Mas como tudo tem um preço, não seria diferente desta vez. E o preço é que eles não estarão aptos a sobreviver quando vier à tona, de forma contínua e intensa, as contradições de sua própria política capitalista e eurocêntrica – política esta criada e dirigida por

eles, lembrando que nesta política nós fomos apenas objeto de exploração e sem nós ela não existiria; nela, temos uma agência e uma contra-agência. E essas contradições trarão consigo um estado de caos e revolta jamais constatado na história da humanidade. Isso levando em consideração o fato de que todo oprimido, mais cedo ou mais tarde, toma consciência da sua opressão e, por consequência disso, se insurge de forma violenta diante de seus opressores, neste momento não mais para pedir ou negociar nada, mas sim para agredir, matar e expulsar eles das suas terras e, se estes não mudarem de comportamento e cosmovisão, do próprio mundo.

As insurreições poderão acontecer de forma organizada e politizada ou até mesmo de forma desorganizada e “não-politizada”, enfim, o fato é que este estado de revolução ou caos será imposto por revolucionários ou por “desordeiros”. É o caos transformador. É o terror preto aplicado a uma proposta de luta. Nas alturas dos acontecimentos, esse detalhe pouco nos interessará já que estaremos por demais ocupados, recolhendo os cacos ou construindo barricadas. Para o oprimido, o que será de fato importante e interessante é o tamanho do prejuízo que ele proporcionará ao seu opressor. Matá-lo rápido ou lentamente, esse vai ser o único dilema posto ao rebelado. Para nós, que fomos exilados da África, transportados em “*latas de sardinhas*” para as Américas, escravizados e excluídos das sociedades, assassinados, estuprados, violentados, enganados, enfim, depois de tudo isso, pior nunca poderá ficar, apenas a morte será pior do que este estado de coisas. Nesse contexto, nem podemos dizer isso de forma categórica, já que em algumas realidades e lugares nos tornamos mortos-vivos: meras máquinas, controladas por mentes e mãos brancas, que operacionaliza o próprio genocídio.

Diante da nossa revolta, os opressores terão que optar pela fuga, pela blindagem de carros e roupas ou pelo massacre declarado aos insurretos. Essa última hipótese muito pouco provável, pois além de representarmos a maioria esmagadora da população do planeta, nessas alturas dos acontecimentos, estaremos armados, também. E armados revidaremos os golpes por eles desferidos e o sangue escorrerá de ambos os lados. E quando isso ocorrer, o que vai definir vai ser o poder numérico, a densidade demográfica de cada lado; sem perder de vista o potencial bélico deles, sabemos da baixa natalidade encontrada em suas comunidades e, por outro lado e mediado pelo amor preto, da nossa grande capacidade de reproduzir-se.

No transcorrer dos fatos, como já é de praxe, resistiremos e permaneceremos vivos, apenas com mais algumas sequelas para a coleção dos despossuídos. Já que nós, melhor do que qualquer outro povo, sabemos

que qualquer criança preta, criada nas ruas e favelas da África e da diáspora, tem mais artifícios para sobreviver neste possível estado de caos do que qualquer homem branco adulto – e nem precisamos mencionar as suas mulheres “*belas*”, “*recatadas*” e do “*lar*”, como “*bonecas de porcelana*”.

Entre o passado e o futuro estamos nós, irmãos pretos capazes de mudar o rumo da história, basta trabalhar o presente de forma sincera e coerente com nossas necessidades. O poder que temos nas mãos é incomensurável e é por conta deste poder que somos constantemente perseguidos e neutralizados pelas máquinas do poder branco. O fogo da resistência foi apagado com o sangue e o suor que escorreu e que ainda escorre dos nossos corpos. Foi também apagado pelas lágrimas que escorreram dos nossos olhos. Pois ver o grito e o gemido das nossas crianças dói, sangra, de desesperar. Crianças assassinadas pela brutalidade de certas pessoas que traz em si um complexo de superioridade altamente bestial e destrutivo nos marca e nos humilha profundamente. E é natural chorarmos, um choro que é salgado e vermelho. Não é mais um choro de dor e sofrimento, mas sim um choro de ódio e revolta. Um choro que é mais inflamável do que qualquer combustível. O ódio condensado e esquecido em nossos corações precisa, agora mais do que nunca, vir à tona. Pois ele é o elemento que está faltando à receita do caos. É ele a química perfeita para a retirada das mordanças e das algemas psíquicas. Nessas circunstâncias, só o ódio salva, liberta. Só o ódio aos deles e o amor aos nossos podem criar as condições necessárias para a organização e luta.

Os gritos de séculos de carnificinas ecoarão por todos os cantos do mundo: pelas aldeias, pelos morros, pelas vielas, pelos guetos, pelas favelas, pelas periferias... pelos confins mais remotos do mundo. E todos os pretos, de uma forma ou de outra, escutarão e se sensibilizarão com o chamado possibilitado pela *Unidade Cultural da África Negra* e pelo *Amor Eterno* (pan-africanismo por essência). Os ecoares da revolta e da verdade serão tão avassaladores que dilacerarão os livros que contam as histórias eurocêtricas, histórias que tanto legitimam a dominação e a inferiorizarão dos pretos e vai ser como uma nova versão do *Fahrenheit 451*.

O pan-africanismo preconiza que o homem preto e a mulher preta devem se amar. Então, as famílias pretas reconstituirão a originalidade da vida e a beleza ancestral. O velho e a criança viverão em uma contínua convivência de aprendizados e ensinamentos. Isto é a revolução pan-africana. A fraternidade será constante em nossos corações. Erguerás punhos em Soweto, em Tete, em Mombasa, em Luanda, em Salvador, em Granada, em Porto Príncipe, em Acra, em São Paulo, em Iaundé, em Lagos, em Dakar, em Havana, no Alabama, em Kingston, etc. Isto é a revolução pan-africana. Esta

que é esplêndida e bela, como foram outrora as revoltas quilombolas que possibilitaram a liberdade plena para muitas gerações de africanos. Os punhos erguidos, por todos os continentes e ilhas, se assemelharão a um oceano preto ou a uma negra bandeira flamejante. O pan-africanismo é a concepção de que todos os pretos do mundo são irmãos, em dimensão ancestral e racional, independente das fronteiras estabelecidas e impostas pelos colonizadores.

A dignidade arrancada e o orgulho esquecido ressurgirão e trarão consigo paus, pedras, facas, molotovs, fuzis, livros, músicas, ódio, amor, justiça, teorias, abraços e sorrisos de exaltação, em um estado de frenesi e regozijo de desforra e vitória. O amor para com os nossos, o ódio para com os deles, a justiça para com a história, é o lema da revolução pan-africana. De tal modo que racistas apavorados e acuados gritarão em Lisboa, em Roma, em Paris, em Londres, nos Jardins, nos Estados Unidos, Nova Iorque, Mississípi, Higienópolis, no Morumbi, etc. O dia perseguido, por todos os irmãos revolucionários que pereceram em combates desiguais e assimétricos, está cada vez mais próximo de nós. E isso não é nem retórica vazia de conteúdo prático ou profecias profanas, mas a estruturação de uma ideia, de um imaginário radical voltado a construção de ações concretas no mundo real.

O pan-africanismo abriu os nossos olhos e nos acordou, pois também estávamos hibernados naquele sono anteriormente descrito. Vivíamos agasalhados com teorias e concepções brancas de mundo, a tal da colonização mental e do eurocentrismo. Perdemos vários anos de nossas vidas dormindo um sono profundo de ignorância, de covardia e de alienação; também de medo. E como a supressão do medo é um elemento constitutivo do pan-africanismo por essência, já não somos mais mediados por tal sentimento. E finalmente, como uma ressurreição, a verdade nos possuiu e a partir disso a nossa vida tem sido vivida em nome desta verdade, em nome desta libertação, em nome desta ressurreição revolucionária; assim como na difusão do pan-africanismo por essência e do nacionalismo preto. Nestes aspectos práticos, encontramos um sentido para a nossa existência.

Ao sermos possuídos pela concepção de verdade e luta não podemos nos tornar pessoas egoístas. Depois de contaminados com a ideia de luta e revide não temos mais condições psicológicas de nos voltar para dentro de nós mesmos e de nos escondermos em nossas cavernas de covardia e medo.

Devemos trabalhar para que todos os nossos irmãos sintam, vivam e vejam o mundo como nós, com um viés africano e já não mais apenas por meio das lentes do colonizador branco. Este mundo que é lindo e belo. Mundo que está sendo destruído pelas garras assassinas e interesseiras de meia

dúzia de países brancos e imperialistas. Países que nos matam aos milhares, pois não querem que desfrutemos das maravilhas do nosso mundo.

O pan-africanismo por essência é isso. É um sonho de mudança. É a luta constante para transformar esse sonho em realidade. É esse desejo de buscar e difundir os conhecimentos adquiridos. O pan-africanismo é amor-próprio e coletivo. É a busca por melhores condições de vida para todos aqueles que se parecem com aquele pretinho que, em dia de chuva, descalço e sem camisa, pede esmolas ou vende balas nas esquinas da vida. E a busca por melhorias de vida para os cortadores de fumo de Cuba; para os cortadores de cana do interior de São Paulo; para os presidiários pretos estadunidenses; para os operários jamaicanos; para as domésticas sul-africanas; para as doceiras de Salvador e do Recôncavo; para os pescadores de Camarões; para os mineiros do Congo e Angola; para os pretos de todo o mundo, pois todos se parecem em melanina e história.

Todos os pretos do mundo possuem semelhanças nas origens, nas trajetórias de vida e nas condições sociais e isso por si só já justifica uma aproximação orgânica e fraterna: uma consciência de irmandade possibilitada pela *Unidade Cultural da África Negra* e pelo *Amor Eterno*.

Povo preto: abra o olho e erga a cabeça; levante e lute! Entenda que o pan-africanismo (união dos pretos de todo o mundo) é o caminho para a construção do nacionalismo preto na prática (construção de uma nação e de um território próprio para que o povo preto possa viver e desenvolver todo o seu potencial humano).

A nossa intenção com este texto não é a de apresentar um ensaio complexo e esmiuçado sobre a história do pan-africanismo, seja ele qual for (histórico/teórico ou essência/prático). Usaremos este ensaio para introduzir alguns pontos sobre a filosofia pan-africana; concomitantemente, tentaremos viabilizar as discussões necessárias sobre a necessidade de existir uma consciência política de unidade fraterna, para que no futuro os pretos possam alcançar o objetivo pan-africanista: união dos pretos de todo o mundo, a libertação completa do continente africano e a construção de territórios livres na diáspora para que os pretos possam desenvolver o nacionalismo preto e com isso alcançar a liberdade.

Teoricamente, o pan-africanismo existe há pouco mais de um século, mas, na prática, o mesmo existe desde os primórdios da humanidade. Humanidade preta e autóctone da assim chamada África. O pan-africanismo sempre se manifestou, ininterrupta e de uma forma dinâmica, em nosso favor

durante toda a história da África e dos seus filhos dispersos pelo mundo. Analisando o conteúdo do conceito – união e solidariedade fraterna entre os pretos –, constatamos que a formação da primeira família de pretos foi uma experiência pan-africana; assim como a formação do primeiro clã, da primeira aldeia, do primeiro mercado, a centralização do primeiro Estado, além das demais experiências históricas que juntaram dois ou mais seres humanos pretos na busca de um bem coletivo, podem ser entendidas como sendo frutos de sentimentos pan-africanistas.

Essa essência ajudou-nos vencer as lutas oriundas das necessidades humanas de alimentação, de abrigo, de conhecimento, de liberdade e de todas as outras necessidades deste gênero; afinal, ele sempre esteve conosco. Esteve no passado e está, da mesma forma e com a mesma intensidade, atuante em nosso presente, as vezes oculto, reinventado ou em luta contra o sufocamento imposto pela lógica da meritocracia e individualidade. A utilização deste conceito só não é feita por ignorância, traição ou alienação, em alguns casos. Exemplificando, temos que utilizá-lo na luta interna – conhecimento, amor-próprio, consciência, organização e união – e, em seguida, na luta externa – mobilização, ativismo, defesa, ataque e tomada de poder. Luta dura e de longo prazo, que, para ser concluída e vitoriosa, será preciso, antes, existir uma ampla difusão da filosofia pan-africana.

Restituir o pan-africanismo por essência, resgatá-lo do inconsciente coletivo do povo preto para as arenas de luta, nos dias de hoje, com toda essa sobrecarga de propagandas fraudulentas a respeito dos pretos da África e da diáspora, será uma batalha árdua e lenta; no entanto, temos que enfrentá-la e vencê-la, já que a nossa permanência no mundo depende de variadas e múltiplas resistências.

A filosofia pan-africana é toda ela centrada e afunilada em uma visão mundo tradicional ou que se indispõem à chamada modernidade ocidental, pois ela defende os valores étnicos e originais dos pretos, tanto os criados e mantidos pelos pretos na África quanto os herdados e preservados, modificados no tempo e no espaço, por nós aqui na diáspora. Dizemos valores originais porque ambos são de matriz africana, tanto os de lá quanto os de cá. Daí deriva o fato do pan-africanismo ser o maior opositor dos valores oriundos dos séculos de colonialismo; entre outras palavras, ele estabelece uma crítica radical a tudo aquilo que nos foi imposto no decorrer dos séculos, imposições oriundas das armadas e por persuasões maquiavélicas.

E nos “princípios” do pan-africanismo estão o repúdio, da forma mais completa possível, do corpo do colonizador, da cultura e da política do colonizador e, por consequência disso, é obvio, contra as novas formas de dominação mental que incluem uma certa tendência dos brancos de se

aproximarem dos pretos no discurso de solidariedade e tolerância mas que na verdade nada mais fazem do que manter o seu complexo de feitor e fiscal do povo preto, além de buscar a apropriação de todas as nossas produções materiais e simbólicas.

O pan-africanismo por essência, todavia, não é, por hipótese alguma, contra os irmãos que foram obrigados a assimilar as culturas e políticas estrangeiras, pelo menos não em princípio; com a ressalva de que esses irmãos assimilados não podem se voltar contra os seus irmãos de cor e origem na busca por espaço ou privilégio na sociedade colonial e escravista. Esses irmãos aculturados e assimilados estarão conosco até cometerem o grave erro de trabalhar, na condição de fantoche ou como o famigerado “negro da casa”, em prol do colonizador e de seus planos de genocídio. Quando esses irmãos, conscientes de suas escolhas, cruzarem esta fronteira, então, não tem mais volta.

O pan-africanismo tem, em sua essência, muitas das vezes difícil de conceitualizar, a consciência da necessidade de haver uma ligação com os ancestrais e com o modo de vida utilizado por eles. Temos total entendimento que a cultura e o modo de vida das sociedades humanas mudam no tempo e no espaço, portanto, é impensável querer reproduzir *stricto sensu* algo que não existe mais; algo que foi destruído da forma como foram as práticas e a cosmovisão africana se torna ainda mais improvável. É um “milagre” que pensemos ainda nessas coisas. A violência da escravidão e colonização trabalhou no sentido de destruir por completo tal entendimento. Por outro lado, dentro de uma dinâmica dialética, tal entendimento surge como uma poderosa antítese diante da tese colonial. E isso por si só já tem um potencial revolucionário sem precedentes. Sendo assim, é certo que jamais poderemos resgatar ou reconstruir os valores que nos foram tirados, a partir das expansões marítimas, no século XV, pelas mãos assassinas e gananciosas dos escravistas e colonizadores brancos; mas, mesmos cientes dessas dificuldades e impossibilidades, temos que nos afastar dos valores coloniais, o máximo possível, para rompermos com a opressão psicológica, política e econômica do colonialismo e do racismo. E após rompermos com tais valores estrangeiros, devemos nos fundamentar nas obras literárias, artísticas e musicais pretas; nas convivências e experiências adquiridas no interior da comunidade preta; então, durante e após essa movimentação, que passemos a adotar, pelo menos no que estiver ao nosso alcance, os valores africanos e seus resquícios; assim como lutar em defesa dos mesmos.

Quais seriam esses valores ou seus resquícios?

Esses valores são as nossas características físicas e biológicas, nossos fenótipos e genótipos; nossas religiões, línguas, vestimentas, músicas, danças,

forma de ver e entender o mundo e os seres que nele habitam; nossa visão coletiva da terra, nossa forma de organização política, militar e social; nosso direito de autogestão; nossa concepção de passado, presente e futuro, isto é, como entendemos a gestação, o nascimento, a existência e a morte; nossa ligação com o meio ambiente, nossas formas de respeitar e lidar com a natureza, com os deuses e com a família. Existe uma gama de elementos que se relacionam e se inter cruzam com os conceitos e práticas arroladas. Tal condição pressupõe o reconhecimento dos erros e o retorno visando repará-los (*sankofa*). E, após tal ressurreição ou conversão, a adoção da filosofia pan-africana, como modo de vida e luta, também insere-se nesses pressupostos.

Outro elemento que contribui para a união, é que o pan-africanismo respeita e defende as diversidades e especificidades existentes nas mais variadas etnias africanas. Ele não aponta para um sincretismo cultural africano; que, se colocado em prática por um tipo de poder ou discurso hegemônico, resultaria em misturas sem fundamento e propósito; combinações confusas, desenfreadas e generalizadas das culturas existentes na África e na diáspora; o que abriria espaços para autoritarismos e mesmo barbáries de ordem cultural e até mesmo física. O pan-africanismo, na atual conjuntura, é político e tem em vista a união dos povos pretos do mundo inteiro, porém cada povo preservando a sua herança e cultura ancestral: o lastro que cimenta as relações pan-africanas é a cor da pele das pessoas pretas na estrutura do nacionalismo preto. Deste modo, a união será construída em aspectos políticos, econômicos, militares e, em apenas alguns momentos e lugares, culturais e territoriais (esses últimos pontos são aplicáveis nas diásporas africanas).

Dentro do viés pan-africano, não concordamos com o processo histórico ao qual fomos submetidos. História que se inicia com os estrangeiros voltando seus olhos gananciosos para as riquezas e sabedorias das civilizações africanas. Onde, em nossos territórios, fenícios, gregos, romanos, árabes e europeus, invadiram, mataram, roubaram, escravizaram, colonizaram, impuseram a suas culturas e, por meio de forças militares e bélicas, nos dispersaram pelo mundo. Nos dividiram e retalharam o nosso território. E todas essas ações foram realizadas de acordo com os seus interesses pessoais e econômicos. Portanto, a filosofia pan-africana não acata as divisões e nem as nacionalidades impostas pela dispersão (a mais criminosa, violenta, desumana e duradoura dispersão já constatada na história da humanidade). Por conta destes e de outros motivos, nos reconhecemos como pretos africanos, em qualquer lugar do mundo. E qualquer um dos nossos que queira, diga-se de passagem, voltar-se contra este fato, o fato irrefutável de que somos africanos, opera a partir de uma

“lógica” irracional e a-histórica, na melhor das hipóteses; na pior, torna-se cúmplice e avaliza os crimes que os não-pretos, principalmente, a raça branca, praticaram e praticam contra nós. E se é cúmplice, logo, torna-se culpado por omissão. E, partindo do pressuposto que é culpado, terá que ser julgado; na melhor das hipóteses, pela história, na pior, internamente, por nós.

As sequelas legadas pelas invasões perduram até os dias de hoje e são como um câncer que consome as nações e populações africanas e pretas do mundo. Nas mais variadas partes do mundo existem pretos, e, decorrente das reflexões apresentadas, nas mais variadas partes do mundo existem inimigos declarados da raça preta. A comunidade global branca, formada pelos países de primeiro mundo, nos perseguem e buscam a nossa extinção. Tal classe de gente, busca, de preferência sem resistência armada, a apropriação – pilhagem e espólio – de todas as riquezas minerais, animais, vegetais e culturais da África e a exploração da mão de obra, da inteligência e do talento criativo dos africanos na diáspora. E para complicar ainda mais a nossa situação, essa comunidade global branca, racista e imperialista, também classificada como supremacia branca, domina o mundo inteiro. Domínio que se impõe a partir de fatores econômicos, políticos, científicos, culturais e, principalmente, por fatores militares e armamentistas. A civilização ocidental, por sua fragilidade ética e moral, é pautada pela beligerância. Este domínio faz com que os outros povos e nações vivam dentro de regimes e controles quase que ditatoriais. O capitalismo, também conhecido como democracia burguesa e liberal, apresenta-se para os povos não-brancos e pobres do mundo com a face da mais perversa das ditaduras. O sistema capitalista branco é praticamente impenetrável ou intransponível, como uma odiosa “jaula de aço”: todos estão presos e são reféns dele e, como areia movediça, quanto mais se tenta sair, mais se afunda. Este sistema cria uma política de dominação – submissão e subordinação – e com isso países vassalos e subordinados. Esses países subordinados, na periferia do capitalismo industrial e financeiro e controlados por uma elite entreguista, impõem às suas populações uma espécie de colonialismo interno. Acreditamos que as populações pretas, em vários países da África e da diáspora, inclusive no Brasil, vivem sob a pressão deste tipo de colonialismo, neste caso, fortemente marcado pela violência de raça.

Os imperialistas colocam os países vassalos uns contra os outros. No caso do continente africano, estes imperialistas brancos, além de colocar os países uns contra os outros, lançando mão de mentiras e manipulações de todas as ordens, fomentam guerras fratricidas e as etnias africanas, que não se enxergam como inseridas em um mesmo processo de manipulação e auto-ódio, embarcam em raivosos e indiscriminados massacres; barbáries e

genocídios marcam a história “pós-colonial” da África. A tática usada por eles, desde os primórdios dos contatos entre brancos e pretos, é a mesma: dividir para dominar.

Após nos dividir, visando nos enfraquecer e nos tornar fracos e desestabilizados diante das batalhas necessárias; eles nos dizimam.

Em contrapartida ao que é estipulado e protocolado pelo Ocidente, temos que lutar contra a opressão oriunda dos países vassalos mas entendendo a lógica que coloca os reais inimigos e o foco do problema como sendo os povos que operacionalizam as potências imperialistas: os racistas brancos.

Por causa destas políticas imperialistas e racistas, somos oprimidos em nossa terra de origem, na assim chamada África: Angola, Nigéria, Etiópia, África do Sul, Zâmbia, Congo, Senegal, Ruanda, Moçambique, Namíbia, Serra Leoa e assim por diante; e somos oprimidos na diáspora: Haiti, EUA, Canadá, Brasil, Cuba, Granada, Jamaica, Colômbia, Inglaterra, França, etc.

Para não perdermos de vista, os interesses que os brancos de outrora nutriam são os mesmos que nutrem seus descendentes hoje, que é a nossa alienação, desunião, escravização, destruição e, por fim, o enriquecimento desproporcional às custas de nossa força de trabalho. Já que foi às custas do nosso trabalho escravo que eles construíram a Europa e a América e devastaram a África. Não satisfeitos, agora querem manter as suas criações bonitas, fortes e soberanas, pelas custas do nosso trabalho. O povo branco, os antepassados e seus descendentes, perpetuam um inaceitável crime contra a humanidade das pessoas pretas.

No presente, como muitos dos nossos fizeram no passado, estamos denunciando e nos insurgindo contra esses crimes. Por questão de honra e justiça, destruiremos e aboliremos este estado de coisas a começar pela falsa consciência que nos foi imposta. Mesmo que muitos tenham que ser abatidos no combate, mesmo que reste apenas uma pequena parcela do nosso povo, após o confronto. Porém, que esta parcela possa se enxergar e viver livre da opressão e com dignidade, orgulho, amor-próprio, enfim, com uma condição plena de vida: com comida no prato, bebida no copo, roupa no corpo, remédio quando necessário; paz e sossego na consciência e no espírito; que possa criar seus filhos pretos sem o tão presente medo da morte precoce. Formando uma nova família africana que se emergirá na África e na diáspora.

O pan-africanismo defende que temos uma origem comum, uma história comum, além de denunciar, de maneira não eufêmica ou hipócrita, o desejo que o Ocidente tem: a nossa extinção via genocídio global. O pan-africanismo preconiza a luta contra este inimigo comum. Tal filosofia proclama que os racistas brancos são nossos principais inimigos políticos,

porém existe a consciência dos problemas históricos e presentes envolvendo árabes e asiáticos (chineses).

Somos um povo numericamente enorme, mas nos encontramos historicamente e definitivamente isolados; os outros povos não-pretos do mundo, principalmente os brancos, estão contra nós e é mais do que justo unirmos forças, exclusivamente entre nós, para lutarmos contra todos aqueles que querem a nossa destruição. As concepções de lutas contidas em nossa filosofia, pelo menos no momento e nas circunstâncias atuais, define-se como sendo a mais autêntica e inabalável justiça histórica.

A opção pela adoção da filosofia pan-africana surgiu em um momento histórico oportuno, em que os movimentos sociais, classificados e denominados como “movimento negro”, não nos contemplavam enquanto povos globais que somos. Tais movimentos “trabalham” apenas dentro dos limites nacionais. Eles assimilaram as fronteiras que lhes foram impostas pelo colonizador branco e esta pseudonacionalidade brasileira. Já não bastando tanta subordinação, ainda trabalham sob uma ideologia eurocêntrica. Ideologia que foi imposta ao nosso povo a partir do colonialismo. Ideologia e luta que possui uma linhagem ora capitalista, ora comunista, mas que representam o mesmo projeto civilizatório: expansão da civilização ocidental e hegemonia branca no mundo. Esses “movimentos negros” tornaram-se auxiliares de partidos de esquerda e de direita; se institucionalizaram como ONG's; trilharam um caminho a reboque de agendas alheias as suas reais necessidades e compromissos. Essas agendas, brancas diga-se de passagem, reivindicam a integração neste modelo de sociedade podre, doente e escravagista. Estas organizações estão sob jurisdição e controle do sistema escravista do homem branco.

Portanto, o pan-africanismo por essência define essas organizações como “neo-abolicionistas”; isso levando em consideração que a abolição da escravatura no Brasil, em 13 de maio de 1888, representou um golpe para muitos pretos e pretas deste cativeiro sofisticado que é o Brasil. Golpe porque desarticulou a história e continuidade da resistência radical preta e jogou os pretos em um cenário hostil de exclusão camuflada sob a égide da “liberdade” e mais tarde do mito da democracia racial brasileira.

Nesse sentido, gostaríamos de dizer que trabalhamos com o intuito de difundir a filosofia pan-africana nos locais que estão sobre os nossos limites geográficos e humanos. No entanto, devemos ter em mente sempre uma visão universal e fraterna de luta. Partindo deste ponto de vista, convocamos todos os nossos irmãos e irmãs para se unirem na luta, sempre tendo em vista o nosso esplêndido passado e o nosso peculiar presente. Então, conscientes e unidos, na estrutura do pan-africanismo, o nosso povo criará as

possibilidades para construir um futuro alternativo; futuro este muito distante das ambições políticas dos supremacistas brancos. Assim, como defendeu Stokely Carmichael, ao nosso entender um dos maiores teóricos do pan-africanismo, devemos estar organizados e atuantes dentro de organizações políticas pretas que de fato sejam combativas e revolucionárias, e que tenham em seus programas políticos (agendas) anseios nítidos e com o objetivo não de se integrar à Civilização Ocidental, mas de criar condições para o seu fim.

Nesse momento, para o avanço do nosso povo e implementação do *Renascimento Africano*, e também por uma questão de praticidade e ganho político, é importante ressaltar que o que está em discussão aqui é a concepção e formação de uma organização preta e pan-africanista, como já deve ter ficado explícito no decorrer dos apontamentos e reflexões. É importante definir e estabelecer uma agenda política, uma diretriz de luta, como sendo um objetivo a ser alcançado por este modelo de organização. E, a partir de então, esta organização política deverá ter sempre em suas análises, seja qual for a sua ação, as seguintes premissas: onde surgimos? Como vivíamos? Por que e como viemos para cá? Como foi a nossa chegada neste território e, principalmente, como foi e como está sendo a nossa estada aqui? Qual a nossa situação atual? E qual o mundo que queremos construir para os nossos filhos?

Sintetizando todas estas questões, colocamos que a natureza propiciou o nosso surgimento e evolução na África e por lá permanecemos por milhares de anos (o *homo sapiens sapiens* surge há cerca de 200 mil anos e começa a sair da África há cerca de 60 e 50 mil anos; o gênero branco, tal qual conhecemos hoje, surge não antes de 12 mil anos atrás). Na África, nosso *habitat*, vivíamos a vida da forma como ela fora evoluída para ser vivida e, desta forma e integrados à natureza, procuramos acelerar o mínimo possível o curso “natural” que a natureza havia estabelecido para nós e para o meio ambiente em que estávamos inseridos. No entanto, em um local distante dali, na Europa, o povo branco, há cerca de 600 anos, passou a acelerar o ritmo natural da natureza e, desta maneira e de uma forma errônea, inconsequente e catastrófica, deu início a “conspiração” que visava assassinar, lentamente e como um câncer maligno, o planeta; como desdobramento disso, o mundo está se decompondo e a natureza está morrendo. Toda responsabilidade pela transformação do mundo rumo à exaustão dos seus recursos naturais e minerais deve ser atribuída ao povo branco e seu projeto de aceleração

histórico e difusão de um modelo civilizatório pautado na busca pelo progresso contínuo e pelo consumo (modernidade capitalista).

Este aceleração deu origem as renascenças europeias, ao mercantilismo, as expansões marítimas, as invasões e colonizações da América, África, Ásia e Oceania; o deslocamento sobre o Atlântico e a escravização dos africanos nas Américas; a escravização e genocídio dos povos indígenas e a devastação das Américas; o Iluminismo; as revoluções burguesas, as revoluções industriais, científicas, tecnológicas e a própria ideia de modernidade e os seus totalitarismos (imperialismo, fascismo, nazismo, comunismo e democracia burguesa).

O nosso sequestro, exílio e cativeiro foi violento, de uma violência jamais constatada na história da humanidade, e como pan-africanistas devemos cultivar essa memória mas com o entendimento que a nossa história não se inicia com a experiência da escravidão africana nas Américas, pois, como defendeu Cheikh Anta Diop, em muitas de suas obras, a *“África foi o berço da civilização”* e explorar esse conhecimento é de fundamental importância para o resgate da humanidade e dignidade da gente preta. Isso porque tais fatos possuem uma anterioridade de mais de 3000 anos e coloca em xeque o eurocentrismo e a presunção de supremacia e primazia da gente branca. Assim, enquanto domesticávamos os animais; cultivávamos os nossos alimentos; dominávamos as técnicas da metalurgia; mudávamos o curso dos rios; construíamos grandes templos, palácios e complexos residências; inventávamos a escrita, a religião, os calendários, a medicina, a filosofia, a matemática e toda uma gama de manifestações culturais, isto é, enquanto construíamos as sociedades complexas (civilizações), o povo branco, vivendo em bandos nômades, se deslocava pela Europa e, com risco de extinção, comia o que achava e o que conseguia abater; se refugiavam nas cavernas e matavam-se mutuamente por causa de terra, abrigo e alimento; oprimiam as suas mulheres e nem cogitavam a hipótese da civilização. Todas as organizações políticas, defensora e difusora da filosofia e das práticas pan-africanistas, devem explorar essas constatações históricas, pois a consciência das pessoas estão em constante construção e disputa e trazê-las para o nosso lado é a própria lógica do pan-africanismo.

O invasor chegou com armas e táticas de guerra desconhecidas por nós, por exemplo, a arma de fogo e o fomento de guerras fratricidas; a lógica da propriedade privada, do acúmulo de riqueza e da domesticação dos corpos via violência espiritual, psíquica e física. Os impérios, reinos e povoados da África foram devastados pelo tráfico negreiro e até hoje a África e o mundo africano não conseguiu se recuperar deste golpe de morte.

A sangria do continente africano foi responsável pelo exílio em massa dos filhos da África; segundo estimativas rebaixadas, entre os séculos VIII e XIX, somando o tráfico transaariano, promovido pelos árabes, e o tráfico transatlântico, promovido pelos europeus, mais de 40.000.000 de africanos foram retirados do continente africano. Como somos resultado direto da selvageria branca e do tráfico transatlântico, é importante reforçar que, durante quase quatrocentos anos, foram sequestrados, acorrentados e jogados nos porões dos tumbeiros, intelectuais, sacerdotes, ferreiros, médicos, curandeiros, artistas, sábios (homens bibliotecas), engenheiros, guerreiros, agricultores, camponeses, generais e membros das realezas. Portanto, dentro dos navios negreiros, também chamados de tumbeiros, devido o grande índice de mortalidade, não vinham apenas mercadorias, meras peças a serem leiloadas em praças públicas, como gado ou objetos de antiquários, mas civilizações. É preciso fazer um esforço, um exercício intelectual, para imaginar o que este processo histórico causou à África e qual o impacto disso na estrutura de pensamento das pessoas pretas espalhadas pelo mundo, tanto nas que partiram quanto nas que ficaram no continente.

Hoje em dia, por causa da escravização e de um processo fraudulento de abolição, mesclados à opressão racista, colonialista e capitalista, estamos, enquanto povo, em um verdadeiro processo de fragmentação e decomposição; pois, com a alma e a mente colonizada, o corpo do preto e da preta está aos poucos embranquecendo. Os ataques a ontologia das pessoas pretas, promovida pela supremacia branca, transformou parte desta gente em mortos-vivos: mortos para gozar a vida e vivos para gerar riquezas. E, para concretização este artil de demônio, queimaram a nossa história, invadiram e dominaram as nossas terras, nos impuseram outras culturas, nomes, religiões e valores; por fim, o resultado é o que somos hoje: não temos onde morar, trabalhar, estudar, como se medicar ou se divertir de forma decente; tudo para nós é pela metade ou de segunda e terceira classe. A perspectiva de vida de grande parte das pessoas pretas é pífia, inexistente ou pautada na efemeridade e no presentismo vazio de longos e sólidos projetos pessoais, familiares e coletivos. É como se estivéssemos apenas de passagem. A nossa situação é de vulnerabilidade, perseguição e genocídio.

Para os nossos filhos, netos e demais descendentes, queremos que eles vivam em uma situação melhor do que a que a gente viveu; melhor do que a dos nossos ancestrais no cativeiro ou na luta pela liberdade. Entendemos que temos que se voltar para a África em aspectos culturais e psicológicos, com o entendimento que somos um único povo; entretanto, não podemos reconstruir o que nos foi tirado e nem voltar todos para o continente mãe; assim, resta-nos pegar o que sobrou, ressignificar e construir

bases sólidas para serem usadas no decorrer das décadas, estruturas permanentes e inseridas em uma lógica de longo prazo. Pensar, se debruçar e construir teses densas na perspectiva de libertação nacional; produzir conhecimento voltado a revolução. As discussões no interior das organizações pretas devem ser propositivas e para frente, no sentido de avançar, propor, pôr a mão na massa e construir; torna-se inadmissível que elas promovam rodas de conversas voltadas aos desabafos pessoais e *andanças em círculo*. Não podemos, por hipótese alguma, pensar em *restauração*, ouve-se isso em algumas discussões negras, pois pensar isso é ter uma dimensão de conservadorismo, reacionarismo, e até mesmo anacronismo, qualquer tentativa de *restauração* em movimentos políticos e sociais é algo a-histórico; de forma menos educada, tal pensamento é abstrato e esquizofrênico. É como se a história, a cultura e o modo de vida do povo africano fosse uma entidade, algo estático, atrofiado, parado no tempo e no espaço e passível de ser trazido a tona da forma como ele se manifestou um dia; pensar em *restauração* é desumanizar as pessoas pretas e, mesmo que de forma distinta e enegrecida, compactuar com o eurocentrismo bem característico do século XVIII e XIX.

As organizações pretas e pan-africanas devem usar, sem medo ou acahamento de nenhum tipo, o conceito de revolução, ou seja, a destruição, a demolição, a transformação e a ressignificação de tudo que está posto no mundo e que serve para oprimir as pessoas pretas e seus corpos e valores civilizatórios; isso em aspectos materiais e simbólicos.

As organizações pretas devem instrumentalizar os nossos irmãos e irmãs para que eles possam entender as astúcias do racismo, não perder tempo com o racista e o veneno do homem branco, se organizar por conta própria e avançar na consolidação de suas vidas e projetos políticos, estudando, trabalhando, se organizando e lutando de forma coletiva; buscando o bem coletivo. Toda forma de individualismo deve ser combatida nas falas e no interior das organizações; no pan-africanismo, não existe espaço para esse tipo de comportamento branco e nocivo.

Seja como for, o que queremos dizer é que toda organização preta, quando séria e disposta a fazer algo pelo povo preto, tem que ter bem definido esses pontos em seus estatutos ou princípios. As organizações pretas não podem se perder em agendas alheias, serem usadas como massa de manobra, usar o povo preto como massa de manobra, permitir a entrada de brancos e nem ficar andando em círculos por falta de uma orientação política nítida e combativa, levando o povo preto para a confusão, a fragmentação, a desordem, as disputas vazias e os seus consequentes retrocessos. A situação é emergencial e não cabe tais posturas imaturas e mesquinhas. E se as

organizações pretas não levarem em considerações tais fatores, certamente, estarão inclinadas ao fracasso. Essa reflexão não parte da pretensão da verdade e nem de nenhum tipo de arrogância intelectual ou organizacional, ela parte da vivência e necessidade de sobrevivência coletiva e avanço político.

Para se construir e consolidar uma organização preta séria, coesa e focada, é preciso ter pessoas dispostas a trabalhar nas mais diversas áreas, como por exemplo, no campo organizacional, intelectual, administrativo, financeiro, comercial, logístico, político e de trabalho manual; as pessoas devem fazer aquilo que possuem mais aptidões e facilidades, mas não podem se eximir das outras funções e o fazer ou o tentar fazer deve ser um exercício constante. O pan-africanista deve estar comprometido com a causa de sua atuação e não fazer corpo mole para nenhum tipo de ação ou atividade que lhe seja apresentada pelas circunstâncias emergenciais da luta ou pela necessidade da organização. Dentro das organizações pan-africanas não pode existir hierarquia de nenhum tipo e muito menos lideranças ou pretensas celebridades forjadas no ego e na vaidade. Toda organização preta e pan-africana que focar na construção de uma liderança política ou centralizar o seu capital político em uma única pessoa estará condenada ao fracasso, ao descredito diante do povo e, por fim, na desmoralização pública e política. O pan-africanismo é um movimento de povo, que deve ser construído nas bases e pela base. A horizontalidade deve ser um dos princípios básicos de qualquer organização pan-africana; dizemos isso porque a verticalidade, as ideias e propostas oriundas de cima para baixo são extremamente tóxicas e nocivas à causa pan-africana. A história mostra que os líderes traidores são o problema.

De início, as pessoas entrarão na organização para conhecer a filosofia, a proposta e, após um curto ou longo período de tempo (isso depende da personalidade de cada um), para trabalhar, isso se ocorrer uma identificação e empatia. Essas pessoas não terão uma função de acordo com as suas aptidões e habilidades, nenhuma das partes envolvidas chegou até então nesse tipo de entendimento; por isso a necessidade dos mais velhos de casa apresentar o máximo de funções possíveis para que o recém-chagado possa lenta e naturalmente se identificar e passar a trabalhar naquilo que melhor lhe convém.

É perigoso deixar a cargo de uma pessoa algo que ela não está suficientemente capacitada a fazer; tanto a pessoa quanto a organização deve ter humildade, maturidade e serenidade para reconhecer tais limitações em prol do bem maior e coletivo; nesse sentido, é importante dizer que a vaidade não cabe dentro das organizações pan-africanas e nem o sentimento de fazer

uma carreira política, seja essa qual for ou buscando o que for. Qualquer tipo de autopromoção deve ser ferrenhamente combatido.

O ideal é que as pessoas sejam anônimas dentro das organizações pan-africanas, porque assim elas não ficam expostas e nem se tornem pontos de vulnerabilidade no interior das organizações. O objetivo das organizações pan-africanas é fazer o enfrentamento ao genocídio, construir a agenda pan-africana e as condições necessárias à sua implementação (*Renascimento Africano* e um Estado-nação); esse objetivo, na medida em que for ganhando musculatura, peso, densidade e reverberações, vai atrair a atenção dos supremacistas brancos e do Estado, assim como os seus ódios de cor, raça e classe, por isso a necessidade do anonimato, da clandestinidade, das guerrilhas simbólicas; até o momento exato de mostrar para que a organização veio e qual o seu real poder de fogo.

Ainda sobre a atuação das pessoas no interior das organizações pan-africanas, está certo que existem casos específicos em que as pessoas ou são boas em várias funções ou chegaram prontas, mas no momento não vem ao caso; entendemos que temos que partir do zero. Partir do zero significa formação política pan-africana visando a construção de ativistas combativos e a supressão dos vícios de origem oriundos de militâncias anteriores. Essas pessoas (as capacitadas para determinadas funções) deverão fazer um completo diagnóstico dos problemas a serem enfrentados e criar, a partir deste diagnóstico, uma metodologia de luta que deverá ser aplicada, com pulso firme e sem vacilação de nenhuma ordem, no dia a dia; que é onde se dá a luta. Toda organização pan-africana deve ter em seus princípios o entendimento que a revolução não se dá apenas no momento da tomada do poder e sim no percurso para tal, que pode ocorrer ou não; desta forma, tudo que a organização se propor a fazer deve ser encarado com a seriedade de um combate decisivo e mortal.

Seja qual for a organização que se proponha a ajudar na revolução pan-africana, tem que ser ela, levando em consideração que isso acarretará um confronto direto, radical e intenso contra a política de dominação (racismo, colonialismo, capitalismo e imperialismo), uma organização composta única e exclusivamente por pessoas pretas e comprometidas com a luta; pessoas que já tenham abolido em suas vivências as relações inter-raciais ou que estejam inclinadas a esta ruptura. Pois o discurso deve estar respaldado em uma prática; o melhor ensinamento é o exemplo; e as análises históricas e conjunturais demonstram que, pelo menos no Brasil, a miscigenação tem sido, historicamente, usada como uma das principais formas de branqueamento e genocídio. Outro princípio básico é a centralidade nas experiências históricas e intelectuais africanas e a ruptura

com o eurocentrismo, seja este de viés conservador ou progressista, já que o entendimento deve ser o de que ambas as concepções de mundo, apesar de divergentes e as vezes opostas, possuem o mesmo objetivo: a implementação do projeto civilizatório branco e europeu no mundo (supremacia branca).

Isso porque o que está em questão é o combate de uma poderosa política de dominação. Uma organização pan-africana não pode se pautar por atividades culturais e encontros terapêuticos, debates efêmeros e masturbações intelectuais, elementos tão caros aos *“revolucionários” de escrivaninha*. Uma organização pan-africana tem que estar pronta para enfrentar as estruturas racistas fisicamente quando necessário; por isso que os protestos, os atos de rua, as panfletagens e os tensionamentos *in loco* da desgraça sejam tão necessários e devam estar inseridos nas agendas dessas organizações; como defende o irmão Alaru Jagungun, *“as praças como espaços de formação pan-africana”*. É sabido que a política branca, para concluir e perpetuar a sua dominação, dispõe de vários dispositivos, tentáculos e subpoderes, por exemplo: a fragmentação da resistência africana, que se dá pela imposição e adoção de diferentes ideologias e bandeiras políticas e partidárias alheias aos nossos verdadeiros anseios, além de instituições, ONG's e interesses financeiros e privados; a ideologia integracionista, pacifista, reformista e conformista, difundida e diluída no seio de nossa comunidade; a ideologia do branqueamento (miscigenação); a aliança com os liberais brancos, que nem de longe lutam pelos interesses dos pretos; a ideologia que prega que não devemos ser racistas e nem intolerantes para com os brancos, como se fosse possível um preto ou preta ser racista ou algo do tipo, isso se lavarmos em consideração o processo histórico e a nossa total carência de poder político, econômico e militar.

É importante observar, após esta breve colocação, que tanto o branco liberal quanto o branco conservador fazem parte do mesmo grupo opressor. E, desta forma, seja na atividade ou na cumplicidade racista, ou mesmo na suposta militância antirracista, ambos se beneficiam da nossa opressão e nem de longe vão querer mudar este estado de coisas e assim perder os privilégios de cor e raça. As organizações pretas devem seguir esta reflexão como um mantra e jamais baixar a guarda. E não existe branco pan-africanista. O elemento essencial e inegociável do pan-africanista é a cor preta de sua pele.

Contudo, antes de qualquer coisa, faz-se necessário unir um grupo de pessoas pretas, dois, três, seis, dez, vinte, não importa o número, e passar a agir entorno da bandeira pan-africana e seus princípios de *Renascimento Africano* e implementação do nacionalismo preto. A união é fundamental na filosofia pan-africana e não existe nada mais bizarro do que um pan-africanista fora de uma organização política, deslocado do seu povo e agindo

feito um lobo solitário (essa é a típica caricatura do pan-africanista); desta forma não se avança; desta forma só levamos água aos moinhos da supremacia branca. A individualidade tem a sua base na matriz cultural europeia e fundamenta-se pelo deslocamento do ser da coletividade e da natureza. Não existe nada mais branco do que a individualidade.

Sobre a quantidade, realmente não importa o número, na atual conjuntura, de difusão da filosofia pan-africana, não existe a necessidade de organização de massa. Seria maravilhoso que tivesse, mas já que não tem, vamos com o que a realidade nos apresenta. O necessário é que exista organizações dispostas a organizar as massas, mostrar um programa político e uma agenda própria, que possa retirar as pessoas pretas do atoleiro histórico que se encontram. Entretanto, é evidente que quanto mais pessoas dispostas a trabalhar tivermos melhor vai ser para a implantação da agenda pan-africana e menos sobrecarregados estarão os militantes.

O que importa é a disposição de cada um para a luta. Não pode existir preguiça no interior das organizações pan-africanas e nem corpo mole ou vacilação; para isso e para fugir da desilusão e frustração é preciso o entendimento que o nosso tempo de vida não é o tempo histórico. Além do que, estes irmãos devem desenvolver a consciência das complexidades da causa; por exemplo, a nossa causa não é uma causa imediatista, para o presente; ela é uma luta de longo prazo, de gerações, é *“eterna”* e jamais vamos desfrutar dos benefícios oriundos dos nossos desgastes físicos, psicológicos, espirituais e materiais; ela é também uma luta nacionalista e de libertação total. Esse último elemento vai levar a uma ruptura social em relação aos elementos do grupo opressor; é importante que os irmãos tenham sempre em mente essa constatação e a importância e a seriedade da causa. A nossa permanência e existência no mundo, com segurança e dignidade, depende da nossa atuação e comprometimento com a causa.

Feito tais exercícios intelectuais e conjecturais, absorvido esse entendimento, cada ativista tem que cultivar as seguintes faculdades: a dignidade, a honestidade, a perseverança, o *Amor Eterno*, o respeito, a compreensão, a coragem, a dedicação, a responsabilidade, a disponibilidade de tempo e investimento financeiro; além do desprendimento em todos níveis, situações e contextos.

Após este entendimento, os irmãos que resistirem e se submeterem a disciplina pan-africanista precisarão de um local restrito (uma sede) para promoverem as suas reuniões de organização, estudo, trabalho e difusão da filosofia pan-africana, por meio de variadas atividades. A sede deverá ser um espaço para discussões políticas, filosóficas, históricas, oficinas culturais, econômicas; além de um espaço voltado para as atividades práticas com

velhos, adultos, jovens e crianças; uma escola de formação pan-africana cada sede deve representar. Cada sede pan-africana deve constituir um foco de resistência ao eurocentrismo e a supremacia branca.

Enquanto as organizações pan-africanas não possuírem as suas sedes próprias, as casas dos membros das organizações pan-africanas devem servir como sedes e refúgio. Não estamos inventando a roda, pois esta era uma das práticas mais comuns na UNIA de Marcus Mosiah Garvey: usar a casa dos próprios membros, filiados e simpatizantes como sendo sedes políticas, para organização e luta. Mesmo após a aquisição da sede própria, as casas dos membros devem continuar abertas ao povo preto, como quartéis-generais da luta, como pedaços da África ou quilombos, e que esses espaços possam levar desgaste à máquina de moer carne preta da supremacia branca. Quanto mais existirem organizações pan-africanas, sedes e casas abertas ao povo, melhor é para a causa de nossa atuação. Que pipoquem organizações pan-africanas na África e nas Américas como pipocaram os quilombos durante a escravização de africanos na diáspora.

A autonomia é um elemento fundamental do pan-africanismo por essência e as sedes não podem estar localizadas em imóveis alugados nas mãos de pessoas brancas. O ideal é que os terrenos onde estejam localizadas as sedes sejam em nome das próprias organizações; sedes próprias. Em último caso, se for para pagar aluguel, que as organizações pretas aluguem os imóveis das pessoas pretas, para fazer o dinheiro girar no interior da própria comunidade preta; porém, jamais elas podem perder de vista a ideia de comprar os seus próprios terrenos e construir os seus próprios imóveis. Terra é poder. A principal agenda do pan-africanismo por essência é a terra.

Tudo que for discutido, nas respectivas sedes, deverá ser colocado no papel e transmitido ao povo, exceto aspectos internos do grupo; estes, por sua vez, deverão ficar arquivados (por uma questão de segurança, em mais de uma cópia e espalhadas pelas casas dos membros). E uma das formas de transmitir as posições ideológicas, filosóficas, programáticas, culturais e políticas da organização ao povo pode ser por meio de informativos, jornais e panfletos; além de palestras, discursos, seminários, rodas de conversas, debates e atos públicos de enfrentamento. Como o debate é para além da questão política e filosófica, pois é prática, todos os tipos de comunicação devem ser utilizados na difusão do pan-africanismo, como por exemplo, nas falas, nos gestuais, nas roupas, nas estéticas, nas danças, nas artes e nas atitudes cotidianas. Toda ação pode ser difusora de consciência e, assim sendo, formadora de uma postura altiva, ativa e transgressora dos padrões e normas impostas pela supremacia branca. Cabe a cada um de nós, ativistas

pretos e comprometidos, trabalhar para que esta postura seja pan-africana e revolucionária.

Sabemos que para pensar, construir e administrar tudo isso necessitaremos de recursos financeiros, já que na contemporaneidade capitalista é o dinheiro que movimenta o mundo e as pessoas, na luta contra o próprio capitalismo (segundo Nah Dove, é o capitalismo que dá as bases e sustentação material para a supremacia branca), não haveria de ser diferente. Mesmo que as pessoas possuam um idealismo sólido e comprometido, para colocar em prática as ideias existe a necessidade de se ter condições materiais reais para as empreitadas da luta, isto é, o dinheiro, o capital.

Antes que se fomente confusão na cabeça do nosso povo, faz-se necessário frisar que falamos de organizações pretas de cunho pan-africanista; e uma das características do pan-africanismo é o anticapitalismo. Dizemos isso porque todos os recursos que surgirem no interior das organizações pretas, sejam oriundos de um comércio próprio ou de doações (ou mesmo de expropriações), devem ser utilizados para fazer a luta de difusão do pan-africanismo e implementação da agenda do *Renascimento Africano* e construção de um Estado-nação para a gente preta. Cada membro deve ter os próprios meios de aquisição de dinheiro para o seu sustento e manutenção da vida; pois, no atual estágio da luta, é impensável, para qualquer organização pan-africana por essência, remunerar qualquer ativista pan-africano pelo seu trabalho. Que isso fique bem definido na cabeça de cada um de nós, ou, de outra forma, correremos o risco de cair nos mesmos erros que muitos dos nossos irmãos caíram um dia, quando se deixaram levar pela ganância, pelo oportunismo, pelo comodismo e reacionarismo gerados pelos benefícios e privilégios advindos de uma vida fácil e burguesa. O aburguesamento, leia-se branqueamento de comportamento, é um dos elementos mais nocivos ao projeto pan-africano de ruptura, revolução e construção de um Estado-nação preto, nas estruturas do pan-africanismo por essência.

A questão da ganância e do oportunismo é um dos motivos do nosso atoleiro histórico; mais uma vez dizemos que o problema não está com o povo, mas com as elites vendidas e com os líderes traidores.

O dinheiro da revolução (soa até estranho dizer isso, mas temos que entender quais são as regras do jogo sujo criado pelos brancos), a princípio, tem que ser angariado entre os próprios membros das organizações. Na medida em que a organização for ganhando musculatura e credibilidade diante da sua comunidade, os irmãos simpatizantes e que participam das atividades, promovidas pela mesma, podem contribuir financeiramente.

E quando esta organização estiver suficientemente forte e seus trabalhos estiverem atingindo um número grande de irmãos e irmãs, então, terá chegado o momento de angariar fundos entre os membros da comunidade e depois do povo. Daí, então, deve-se ter a maior delicadeza e transparência para lidar com esse tipo de coisa. Tudo que envolve questões financeiras deve que ser tratado de forma democrática e com a maior transparência possível. Muitas organizações pretas foram desmanteladas, no decorrer da história, por causa destes detalhes que não foram administrados da forma correta. Isso porque conhecemos o opressor e as suas táticas de forjar calúnias e falsas acusações para confundir e dividir o povo, jogando-os depois contra aqueles que lutam pelos seus próprios interesses.

Todo esse dinheiro deve ser investido na logística e expansão da luta: informativos, jornais, sedes, eventos, atividades, livros, etc. Nenhum dinheiro oriundo da comunidade, para a luta, deverá ser usado em benefícios e interesses pessoais, por hipótese alguma; com pena de justicamento.

Essas organizações deverão adquirir sedes em pontos estratégicos da cidade; isto é, de preferência nos locais que tenham uma grande concentração de pessoas pretas, para se fazer um trabalho de base. As organizações pan-africanistas não devem perder tempo com pessoas que já estão por demais viciadas nas lógicas das organizações negras vendidas ou com militantes já cooptados pela supremacia branca (partidos, sindicatos, ONG's, fundações, etc). São para as pessoas comuns, que muitas das vezes nem tomaram ainda consciência de sua condição de pessoas pretas e perseguidas por pessoas brancas, que a mensagem do pan-africanismo deverá ser transmitida; de porta em porta, de boca em ouvido, se necessário for. O pan-africanismo tem uma lógica de conversão e por isso a importância de fazê-lo chegar até as bases do povo preto, o submundo, a boca do lixo, o "inferno".

O povo preto está nas favelas, nas periferias, nas cadeias, nos cortiços, nas ruas, nas ocupações, enfim, nos extremos da pobreza. Então, é nestes locais que os pan-africanistas devem atuar e fundar as suas sedes. Com seriedade e comprometimento, fazer o trabalho e conquistar a comunidade preta; assim, conquistando territórios e fundando bases sólidas, organizar as massas para o tensionamento do Estado racista que é gerido pela supremacia branca. E cada espaço (território africano), adquirido ou conquistado, vai possibilitar a criação e o aparecimento de ativistas e multiplicadores da filosofia e da causa pan-africana. Estes, formados nas escolas pan-africanistas, percorrerão as quebradas, os bairros, os municípios, os estados, criando ou ajudando na criação de organizações e fundando novas sedes. Sempre com o propósito de promover a descolonização mental dos irmãos e irmãs; firmando a nossa posição de oposição frente a supremacia branca e

plantando as sementes da liberdade africana. Após décadas de trabalho, nas fileiras do povo preto, surgirá o entendimento que o colonialismo interno é uma ameaça e que deve ser combatido de todas as formas e meios; nesse entendimento encontraremos as bases para a difusão do nacionalismo preto programático e para um estado de caos renovador; mediado pela nossa autonomia e autossuficiência.

Advém disso a necessidade de não estarmos atrelados aos partidos políticos, ao governo, as ONG's, as fundações e instituições filantrópicas ou a quaisquer elementos vinculados à supremacia branca. O nosso atrelamento, em contrapartida a tudo isso, tem que ser com o povo preto. O povo preto tem a oferecer o seu trabalho e, por esse motivo, devemos o total e irrestrito respeito, honestidade e sinceridade para com eles. A nossa causa não pode ser rifada ou usada como elemento de barganha diante dos poderes estabelecidos.

Trata-se de mudar a cultura e a ideologia que é imposta via dispositivos da supremacia branca, como as práticas da competição, da alienação, do individualismo, da acomodação e do conformismo típico dos negros da casa. Como defendeu Stokely Carmichael, devemos nos organizar; nos organizar; nos organizar para enfrentar a ideologia que faz com que acreditemos na impossibilidade de mudar a situação atual de escravização e colonialismo interno.

Para finalizar, as análises históricas e conjunturais, nos levaram a crer que toda organização preta e pan-africanista deve direcionar o grosso do seu trabalho especialmente para os jovens e crianças. Fazendo trabalhos comunitários e educativos com o objetivo de fazer com que tais jovens e crianças cresçam com uma consciência política formada, determinada e voltada à organização e luta. Então, diferente dos homens e mulheres de hoje, que não possuem o total entendimento de sua condição de guerra e perseguição, essas futuras gerações representarão o inferno na vida dos supremacistas brancos; pois não estarão de bobeira no mundo e firmes como rocha enfrentarão o mal na terra. Assim, na condição de ativistas e multiplicadores dos conhecimentos adquiridos, essas gerações construirão bases e condições ainda mais sólidas e reais para a implementação da agenda pan-africana que é o *Renascimento Africano* e a construção de um Estado-nação, nas estruturas do pan-africanismo por essência. Então, com possibilidade real de dar densidade as nossas retóricas políticas, gritaremos para os nossos jovens: *"lutem e não se importem com a morte; pois, se necessário for, devemos nos sacrificar pelo futuro dos nossos filhos"*.

Referências Bibliográficas

- APPIAH, Kwame. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricidade: a teoria da mudança social*. Philadelphia: Afrocentricity International, 2014.
- BARBOSA, Muryatan Santana. *Pan-africanismo: unidade e diversidade de um ideal na Présence Africaine (1956-63)*. Florianópolis: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.
- BARBOSA, Muryatan Santana. *Pan-africanismo e teoria social: uma herança crítica*. São Paulo: África. 2011/2012.
- BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero: uma seleção de seus escritos*. Diáspora Africana: Editora Sankofa, 2017.
- BOAHEN, Albert Adu. *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- CARMICHAEL, Stokely. *Stokely fala: do poder preto ao pan-africanismo*. Diáspora Africana: Editora Sankofa, 2017.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso Sobre o Colonialismo*. Blumenau: Ed. Letras Contemporâneas, 2010.
- DECRAENE, Philippe. *O Pan-africanismo*. Coleção Saber Atual. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
- DIALLO, Alfa Oumar; DIALLO, Cíntia Santos. *Vida e obra de Cheikh Anta Diop: o homem que revolucionou o pensamento africano*. Porto Alegre: Ciênc. let., 2008.
- DIOP, Cheikh Anta. *A Unidade Cultural da África Negra*. Lisboa: Edições Pedagogo, 2014.
- DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. São Paulo: Lacerda, 1999.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.
- GARVEY, Marcus Mosiah. *Procure por mim na tempestade*. São Paulo: CFMG, 2017.
- HALEY, Alex; X, Malcolm. *Autobiografia de Malcolm X*. Diáspora Africana: Editora Sankofa, 2017.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na Sala de Aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo, Boitempo, 2010.
- KI-ZERBO, Joseph. *Para quando a África?* Rio de Janeiro: PALLAS, 2006.
- MACEDO, José Rivair de (org.). *O pensamento africano no século XX*. São Paulo: Outras Expressões, 2016.
- MARABLE, Manning. *Malcolm X: uma vida de reinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- MAZRUI, Ali A; WONDJI, Christophe. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.
- MBEMBE, Achille. *África insubmissa: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial*. Luanda: Edições Mulemba, 2013.
- MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Luanda: Edições Mulemba, 2014.
- M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações – Tomo I (até o século XVIII)*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009.
- M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: história e civilizações – Tomo II (do século XIX aos nossos dias)*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2011.
- MOORE, Carlos. *O Marxismo e a questão racial*. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.
- MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- MOORE, Carlos. *Abdias Nascimento e o surgimento de um Pan-Africanismo contemporâneo global*. In: Nascimento, Elisa (org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, p. 233-47. (Coleção Sankofa, no.1), 2008.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.
- NASCIMENTO, Abdias do. *Sitiado em Lagos: autodefesa de um negro acossado pelo racismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Sankofa 1. A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Sankofa 2. Cultura em movimento: Matriz africana e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Sankofa 3. Guerreiras de natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Sankofa 4. Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- NKRUMAH, Kwame. *A África deve unir-se*. Lisboa: Ulmeiro, 1977.
- NKRUMAH, Kwame. *A Luta de classes em África*. Lisboa: Livraria Sá da Costa editora, 1977.
- NKRUMAH, Kwame. *Neo-colonialismo: último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- PAIM, Márcio. *Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na Casa De Meu Pai*. São Paulo: Revista Sankofa, 2014.
- RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975.
- SHAKUR, Assata. *Assata Shakur: escritos*. Brasília: Reaja, 2016.